



Da Escravidão Para a Liberdade

Por F.T. Wright

O Nascer de um Novo Dia

Da Escravidão para a Liberdade

O Nascer de um Novo Dia

Por F.T. Wright

1975

Prefácio

Esta publicação é uma versão melhorada da transcrição de um estudo gravado em fita magnética dado pelo autor, em 1965, na Austrália. Tão abençoados foram os ouvintes que eles fizeram pressão para o estudo ser produzido na forma impressa. Foi por fim acordado que fosse feita uma impressão intercalar directamente a partir da fita gravada com alguma revisão para o melhorar. Foi feito isso e apareceu com o título *da Escravidão para a Libertação*.

Cerca de dez anos depois, o autor realizou o trabalho de escrever uma revisão completa do manuscrito original. Tinha sido obtida uma grande experiência na apresentação do assunto entretanto, e tinha sido testemunhado em muitas vidas a certeza da vitória adquirida por todos aqueles que aplicaram fielmente os princípios estabelecidos nesta publicação. Esta nova versão alargada é publicada com um título revisto, *da Escravidão para a Liberdade*.

Os Editores

Índice

Prefácio	4
Introdução	6
Parte 1 – O Problema	7
A Natureza do Homem	21
Parte 2 – A Solução	27
A Libertação	32
O Meu Testemunho	39
Parte 3 – Depois do Renascimento.....	43
Não de Cativo para Cativo	43
Em Termos Práticos	44
Manutenção	44
Vigiai	46
A Batalha É do Senhor	47
Conclusão	48

Introdução

Cada publicação é produzida para um determinado fim. O objectivo deste estudo é mostrar ao leitor como entrar numa vida de vitória sobre os problemas que tão persistentemente marcam a experiência de vida da humanidade hoje.

Não é um estudo que vos diz o que devíeis ser. Há pouca necessidade disso porque a pessoa em geral, se não for desprovida de qualquer ambição de ser uma pessoa melhor do que é, já sabe o que quer e luta por esse objectivo. Se o leitor for um membro de qualquer igreja com elevados ideais e normas, então a compreensão do que deveria ser é ainda mais clara. Não só é a compreensão mais clara, mas a exigência sobre a pessoa para alcançar esse ideal é ainda mais premente.

O problema é: Como poderei alcançar aquilo que no fundo da minha consciência sei estar certo e que desejo acima de tudo alcançar? Essa é a pergunta, e há inúmeros milhares de pessoas que hoje estão sinceramente à procura da resposta.

Se sois uma dessas pessoas, então este estudo é para vós. É escrito, não com base na mera teoria de alguém que, sentado numa cadeira, especulou sobre um caminho para alcançar a vitória que à sua mente pareceu ser melhor, mas por alguém que procurou com intenso fervor alcançar os elevados ideais de uma vida cristã, encontrando por fim o caminho da libertação da escravidão da sua própria natureza má. Portanto, é um procedimento testado e provado que se apresenta aqui. Não só é um procedimento testado e provado, mas é também o procedimento escriturístico. Além do mais, é um procedimento que, uma vez apresentado a outra alma que também luta, se tem provado eficaz na sua experiência como aconteceu no caso do autor desta publicação.

É em resposta aos pedidos insistentes daqueles que ao seguirem o caminho apresentado nesta publicação, têm encontrado para si mesmos a solução para o problema da vida, que este estudo se apresenta impresso. É a mais sincera oração do autor e de todos que ele faça por vós aquilo que tem feito por nós.

Parte 1 – O Problema

Todo o mundo hoje sabe que está mergulhado em terríveis problemas para os quais os homens estão buscando com intensidade de propósito as soluções. Mas há apenas um lugar onde as soluções podem ser encontradas e esse é na Palavra do Deus vivo. Existe uma boa razão para isso porque, quando os apóstolos Pedro e João estiveram perante os seus perseguidores judeus, declararam acerca de Jesus Cristo: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” *Atos 4:12*.

Portanto, não é ao psicólogo, ao médico, ao cientista, ou ao sociólogo ou qualquer outro que podemos ir em busca da solução para estes problemas. Não há senão um lugar, que é a Palavra de Deus, onde é revelado o poder salvador de Jesus Cristo e o modo pelo qual esse poder salvador pode ser pessoal e efectivamente nosso.

Nessa Palavra temos o emocionante testemunho de alguém que conheceu por si próprio o poder salvador dessa palavra e conhecendo-o declarou: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo.” *Romanos 1:16*.

Havia uma razão muito boa para ele não se envergonhar do evangelho de Jesus Cristo, razão essa que ele com gosto deu rapidamente. “Pois é o poder de Deus.”

Pensai em tudo o que Paulo poderia ter dito que o evangelho era. Podia tê-lo designado como uma teoria, um argumento, boas novas, ou coisa semelhante. Mas ele não usou qualquer destas definições. O evangelho “é o poder de Deus”, declarou ele. Para Paulo era poder, mas não qualquer poder. Era o poder de Deus.

É essencial que logo no começo deste estudo compreendamos o que o evangelho realmente é. Faríamos bem em ponderar a força e majestade desse poder. É o poder de Deus pelo qual os céus e a Terra foram chamados à existência. Não temos aqui tempo nem espaço para dar alguns dos factos e números astronómicos a respeito da imensidade do espaço. Se o pudéssemos fazer, então algo do imenso poder que é o poder de Deus, começaria a raiar nas nossas mentes.

Este mesmo poder pelo qual os mundos foram chamados à existência é o evangelho. É o poder que tendo sido em primeiro lugar devotado à obra de chamar a criação à existência é agora devotado à nossa salvação. Porque, a Palavra de Deus declara através de Paulo: “É o poder de Deus para a salvação.”

O texto não diz especificamente do que é que o evangelho nos salva. Mas há alguma necessidade disto? Já nas Escrituras se tornou isso muito claro. Quando o anjo do Senhor apareceu a José, o marido de Maria, a mãe de Jesus, para anunciar o nascimento que se aproximava, disse: “E dará à luz um filho e chamarás o Seu nome Jesus; porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados.” *Mateus 1:21*.

Escritura tem de ser comparada com Escritura. Verdades uma vez estabelecidas na Palavra de Deus não necessitam de ser repetidas com as mesmas palavras novamente. Jesus é o coração do evangelho e o poder do evangelho. Portanto, se Jesus veio para salvar o Seu povo dos seus pecados, então quando Paulo nos diz que o evangelho é o poder de Deus para a salvação, está claro que tem que ser a salvação do pecado.

Quando tamanho poder, ao qual nenhum se compara, é devotado à salvação de todo o ser humano dos seus pecados, então como pode haver qualquer desculpa para existir o pecado na vida de qualquer pessoa à face da Terra. *Não há desculpa*. As multidões, evidentemente, são indiferentes ao problema do pecado. Vivem segundo os seus próprios desejos e o Senhor dá-lhes a perfeita liberdade de fazerem o que desejam. Mesmo assim, são culpadas e por serem culpadas colherão os resultados do seu próprio curso de acção.

Mas aqueles que estão lutando por se adaptarem ao modelo divino e que pela fé viva se agarram ao poder divino pela fé, serão tão mudados em si mesmos que o amor, paciência e pureza será a sua condição natural. Experimentarão em si mesmos a obra do imenso poder de Deus e saberão que não há poder na terra e no inferno que possa obrigá-los a pecar. Por conseguinte, não têm qualquer necessidade de pecar. Todos podem viver uma vida de perfeita vitória sobre o pecado se quiserem, enquanto crerem no poder salvador do Altíssimo.

O evangelho é para todos, mas o evangelho não é o poder de Deus para todos.

“É o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego.”

O evangelho é o poder de Deus para a salvação do pecado apenas para o crente. Para todos os outros não é mais do que uma teoria, ou uma história, ou uma doutrina, ou coisa semelhante. O evangelho é o poder de Deus unicamente para o crente.

No versículo seguinte Paulo prossegue dizendo-nos o resultado do poder desse evangelho. “Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.” *Romanos 1:17*. (J.F. Almeida, RA, Biblia.com)

No evangelho se revela a justiça do próprio Deus. Ponderai no poder dessa palavra “revela”. Ela significa que a justiça de Deus é mostrada de tal maneira que pode ser claramente vista pelos que observam a cena. Mas onde é que o evangelho de Cristo se revela? Ele é revelado na vida de todos dentro de quem o evangelho se tornou um agente vivo. Na vida do próprio Cristo quando esteve na Terra, o evangelho era o poder de Deus. Salvou-O de cair em pecado todos os dias enquanto esteve na Terra. Nessa vida a própria justiça de Deus foi revelada de fé em fé. Cristo é o exemplo do que devemos ser.

“Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos.” *1 Pedro 2:21*. Exactamente, então, como a justiça de Deus foi revelada na vida de Cristo, através do poder do evangelho dia após dia, assim ela tem que ser revelada nas vidas de todos os Seus seguidores hoje.

A vida de Jesus Cristo enquanto esteve na Terra é para nós a revelação do que Deus pretende que as nossas vidas sejam. Quando cada um e todo o professo filho de Deus contempla essa vida e vê nela o contínuo fluxo do amor, misericórdia, graça, paciência e todas as outras virtudes cristãs, muito naturalmente deseja copiar o ideal. Mas uma vida de derrota e frustração no passado desencoraja o pensamento de que isto seja possível. Todavia, no começo deste estudo é importante que a fé agarre a poderosa verdade que o evangelho é o poder de Deus para a salvação do pecado, para que na vida real de cada verdadeiro crente a própria justiça de Deus possa ser revelada de fé em fé. Está aberta perante todo o crente a maravilhosa perspectiva de um feito pessoal glorioso através do poder de Jesus Cristo nosso Salvador.

Isto, então, é o evangelho. É o poder que Jesus usa para cumprir a Sua promessa de tomar um homem pecador, corrupto, poluído, perdido, cheio de discórdia e males, más suspeitas, ódio e todos os outros frutos da natureza má, e eliminar tudo isso enchendo-o com amor, gozo, paz, gentileza, mansidão, paciência e todos os frutos do Espírito de modo que a própria justiça de Deus seja revelada na sua vida. Isto é o evangelho e nada menos que isto pode ser o evangelho de Jesus Cristo.

Mas é esta hoje a experiência dos professos filhos de Deus em geral?

Para encontrar a resposta, fazei a seguinte experiência.

Dirigi-vos a um professo filho de Deus sem considerar a igreja a que pertença e fazei a simples pergunta: “Diga-me honestamente, comete pecado todos os dias?”



Se a pessoa for verdadeiramente honesta, invariavelmente responderá, “Sim, devo dizer que cometo pecado todos os dias.” Devemos aplaudir a pessoa por essa resposta honesta e verdadeira.

Em seguida, fazei esta pergunta; “Quando comete esse pecado e é oprimido com um sentimento de culpa por causa dele, o que faz então?”

Em resposta a pessoa dirá; “Confesso esse pecado, peço ao Senhor que o perdoe e para me ajudar a não tornar a cometê-lo.”

Mais uma vez esta é uma resposta honesta e verdadeira e novamente podemos elogiar a pessoa por isto. Mas agora prosseguimos com a questão um pouco mais perguntando o seguinte; “Agora que confessou o pecado, pediu o perdão e auxílio para não mais tornar a cometê-lo, o que acontece então? Acha que esse pecado se torna uma coisa do passado, ou acha que o mesmo pecado está presente para atormentar o seu caminho como antes? Por outras palavras, acha que comete o mesmo pecado uma e outra vez?”

Nesta altura aparece no rosto um olhar de espanto daquele a quem foi feita a pergunta. Ele responde como que dizendo: “Porque me faz uma pergunta tão ridícula?” “Evidentemente, o mesmo pecado continua presente! Sou ainda um ser humano e tenho que lutar sempre contra este pecado. Cometo o pecado uma e outra vez e devo confessá-lo uma e outra vez.”

Pode uma tal experiência ser chamada libertação do pecado? A resposta deve ser um inequívoco não! Esta é uma experiência de pecar e confessar, pecar e confessar, pecar e confessar.

Pensai na vossa experiência do passado. Pensai no pecado que mais assedia a vossa vida. Pensai como o haveis cometido, como haveis sentido o remorso da culpa, como haveis

procurado o Senhor para obterdes o perdão, quão sinceramente haveis pleiteado pelo Seu auxílio a fim de vos salvar de o cometer novamente, como haveis prometido fielmente que não o voltaríeis a cometer e depois verificastes que voltastes a cometê-lo uma e outra vez. Não é verdade a vosso respeito que se não fordes uma daquelas pessoas que descobriu e aplicou a fórmula para obter libertação do pecado, o mesmo pecado que era o vosso maior problema há dez anos atrás, continua ainda a ser um problema presentemente?

Se com toda a honestidade podeis reconhecer que é assim, então tereis dado um dos primeiros passos muito importantes necessários para obter a libertação desta situação. Não é da vontade do Senhor que seja assim e não será assim na experiência da vida de quem, como crente, conheça o evangelho como o poder de Deus para a salvação.

Hoje, existem largas diferenças de crença doutrinal entre cada uma das diferentes igrejas. Cada uma afirma que, por crer certas doutrinas, na sua comunhão está o caminho da salvação. Mas, o facto real é que, não importa quão correcta a doutrina possa ser, se a pessoa não compreende nem experimenta o poder salvador do evangelho, continua tão perdida como se nunca tivesse crido em coisa alguma. Uma pessoa pode ter uma teoria diferente de religião, um credo diferente, um edifício para a sua igreja diferente, um sistema de religião diferente, mas isso não irá necessariamente trazer-lhe a salvação. O que importa é o que a religião faz na pessoa. O que conta é o resultado final. Se o evangelho que cremos fizer menos por nós do que faz o evangelho de Jesus Cristo, aquilo que cremos ou é uma imitação e não o verdadeiro ou se é o evangelho de Jesus Cristo, não é aplicado como é o caso das virgens loucas.



Unicamente aqueles que têm uma vitória pessoal sobre o pecado, que conhecem por si próprios o que significa ser salvo dos seus pecados e vêem um crescimento real nas suas vidas, têm o evangelho de Cristo e, por conseguinte, podem pregar o evangelho de Jesus Cristo. Ninguém pode pregar o que não conhece. Somente um homem justo pode ensinar a justiça.

Aquilo que deve ser compreendido nesta altura é que a obra da salvação envolve a nossa cooperação inteligente. Há uma obra que Deus faz e há uma obra que nós devemos fazer. Deus compreende perfeitamente qual é a Sua parte e está pronto a fazê-la em qualquer altura e em qualquer lugar. O problema é que os homens não compreendem qual é a sua parte e por isso fazem com que seja impossível Deus cumprir a Sua.

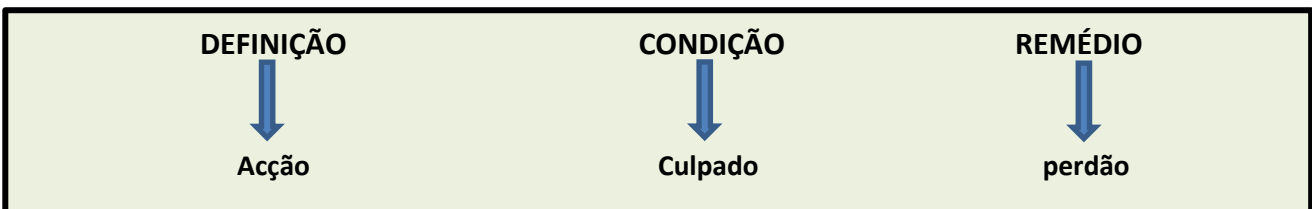
A parte que nós temos de desempenhar é tornada clara nas seguintes palavras de Jesus Cristo: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” *João 8:32*.

O propósito principal deste estudo é tornar clara a verdade que devemos conhecer e que ela nos tornará livres. Sem mais discussão acerca da necessidade de conhecer esta verdade, vamos entrar directamente no estudo desse conhecimento numa linguagem tão clara e tão simples quanto nos possa ser possível.

A experiência e a verdade da Palavra de Deus mostrou que a primeira pergunta a ser feita e respondida é esta, “O que é o pecado?” Notai que a pergunta não é, “O que são pecados?”, mas sim “O que é o pecado?”. À primeira pergunta responderíamos rapidamente; assassínios, mentiras, roubos e assim por diante, mas a resposta à última pergunta é novamente algo mais. Não é demais dizer que se esta pergunta não pode ser respondida de modo exacto e preciso, então não será possível encontrar o caminho para a libertação do pecado, porque devemos primeiro compreender o problema a resolver antes de podermos compreender a solução para ele.

No entanto, muitos professos cristãos estão bastante confiantes que compreendem a resposta a esta pergunta. Quando ela é feita, eles respondem rapidamente com as palavras das Escrituras, “O pecado é a transgressão da lei.” *1 João 3:4*.

Esta é uma resposta das Escrituras e, por conseguinte, tem que ser uma definição correcta do que é o pecado, desde que compreendamos tudo quanto o texto na verdade diz e não algum limitado conceito daquilo que ele pretende transmitir. A palavra “transgressão” traz à mente das pessoas em geral o pensamento de acção. Assim, a compreensão comum deste versículo é que o pecado é uma acção errada. Por causa destas acções erradas, a condição daquele que as pratica perante Deus é a de um condenado, e o remédio divino para isto é o perdão. Isto pode ser exposto da seguinte maneira:



Nesta altura não é difícil mostrar a importância de compreender a resposta a esta pergunta, “O que é o pecado?”.

Para o fazer temos apenas que fazer algumas perguntas.

A primeira é: “Poderá alguém obter o perdão se o não pedir?”

– A resposta é Não!

“Pedirá alguém o perdão se não tiver um sentido de culpa?”

– Novamente a resposta é “Não!”

“Pode alguém ter um sentido de culpa se não souber que o que está fazendo é pecado?”

– Uma vez mais a resposta é “Não!”

Portanto, uma pessoa tem que saber quais são as acções pecaminosas para que possa ter um sentido de culpa tal que a leve a buscar o perdão. Assim, aqueles que desejam ter o remédio divino para o pecado têm que fazer a pergunta e obter a resposta como um elemento fundamental do conhecimento remédio.

Mas a pergunta tal como foi respondida até aqui não é a resposta com a profundidade suficiente necessária para garantir a salvação do pecado. O pecado é muito mais do que aquilo que fazemos. Aquilo que fazemos não é mais do que o fruto daquilo que somos. Esta última

definição daquilo que o pecado é, faz parte do conhecimento essencial para sermos libertados do seu poder.

O Supremo Mestre foi envolvido numa discussão com os fariseus e outros que ali estavam na qual Ele foi capaz de colocar perante eles uma clara definição do que é o pecado. Jesus disse-lhes: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”

Estes homens revelaram a sua ignorância sobre os princípios básicos do problema do pecado respondendo:

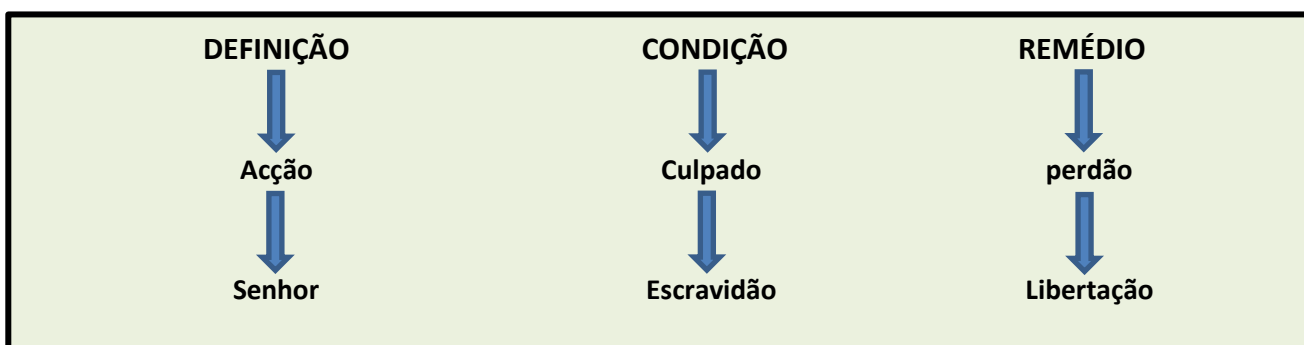
“Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes Tu, sereis livres?”

Agora, na resposta de Cristo temos para nós a definição completa do que é o pecado: “Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado.” *João 8:32-34.*

Aqui o pecado é identificado não como uma acção, mas como um Senhor, porque, se o pecador é servo do pecado, então o pecado tem que ser o senhor do pecador. Para ser tal senhor o pecado tem que ser um poder, porque ninguém pode dominar como senhor se não tiver o poder para dominar como tal, especialmente quando os súbditos não estão dispostos a entregar-se ao serviço desse poder.

O pecado é um senhor, não um senhor que recebe um serviço de amor por parte dos seus súbditos, mas um senhor que tem de obrigá-los a obedecê-lo. Assim temos que pensar no pecado como sendo um senhor de escravos. De facto, a palavra original no grego da qual “servo” é traduzida era a palavra usada para escravo e é normalmente traduzida como escravo nas traduções mais modernas.

Isto, então, significa que a nossa definição de pecado tem de ser alargada ao que se segue. O pecado é um senhor que nos governa contra a nossa vontade de modo que estamos na condição de escravidão. Para este problema a absolvição ou perdão, no sentido em que esta palavra é geralmente compreendida, não é a solução. O que necessitamos agora é de libertação. Expondo isto novamente em forma de diagrama temos o seguinte:



Tal como acontece com o perdão, assim se passa com a libertação; ninguém recebe a libertação sem primeiro pedi-la. Ninguém pedirá a libertação se não compreender que é escravo e ninguém compreenderá que está em escravidão a não ser que compreenda a natureza do pecado como um jugo ou senhor de escravos que governa sobre si. Por conseguinte, uma vez mais tem que ser claro que o primeiro passo na compreensão do caminho da libertação está na compreensão da resposta à pergunta, “O que é o pecado?”

E, ainda assim, não é verdade que a compreensão da maioria do povo, no que respeita ao pecado, cessa no nível de: Acção — Culpa — Perdão? E por causa disso, o machado nunca é colocado à raiz da árvore, o senhor dos escravos nunca é desenraizado de modo que uma profissão de religião e uma conformidade exterior com as exigências dessa religião passa como se fosse uma experiência genuína, deixando uma multidão de membros da igreja enganada a marchar decididamente em direcção à perdição e ao esquecimento.



**PARA ISRAEL E PARA NÓS VEM O MONTE SINAI,
A ENTRADA DA LEI.**

O senhor do escravo é a raiz do pecado e na Bíblia são-lhe atribuídos vários nomes. Em *Romanos 8:7* é chamado a “mente carnal”; em *Romanos 6:6* “o velho homem”; em *Ezequiel 36:26* “coração de pedra”. Também é simbolizado pela lepra.

Mas em parte alguma é a obra deste senhor do pecado melhor descrita do que em *Romanos 7*, para onde nos voltaremos, começando a ler a partir do versículo 9 onde Paulo diz: “E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri.” Paulo refere-se aqui a uma altura em especial em que a lei entrou na sua vida. Até essa altura, a altura em que o mandamento veio, Paulo simplesmente diz: “E eu, nalgum tempo, vivia sem lei.” Por outras palavras, ele era simplesmente um pecador voluntário. Este é o estado em que se encontra o homem no mundo antes de chegar ao conhecimento da lei de Deus. Ele é completamente feliz por estar assim. Isso não o preocupa.

Mas chega por fim o momento em que a lei entra na sua experiência. Esta entrada da lei traz-lhe o conhecimento das suas justas pretensões sobre a sua vida e conduta. Isto constitui o primeiro passo em direcção a Cristo — o conhecimento da lei. Este conhecimento pode vir através da leitura da Palavra, ou pelo pregador vivo, ou de qualquer outra maneira, mas tem que vir se alguma vez quiser encontrar Cristo como um Salvador do pecado.

Este conhecimento da lei de Deus conduz a um segundo conhecimento, o conhecimento daquilo que a própria pessoa é perante Deus. Isto chama-se convicção. É o segundo passo essencial em direcção a Cristo.

A convicção por seu lado conduz ao arrependimento, desde que ela não seja reprimida pelo convicto levantando uma resistência à obra do Espírito Santo no coração. Isto acontece porque não é uma experiência agradável ver-nos a nós próprios como Deus nos vê. A tendência natural da natureza humana é rejeitar isto como sendo uma revelação indesejada. Um caso a apontar é a história de Félix e Drusila registado em *Atos 24:24-27*. “E, tratando ele (Paulo) da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro, Félix, espavorido, respondeu: Por agora vai-te, e em tendo oportunidade te chamarei.”

O pavor de Félix é uma clara evidência de que ele estava sob aquela profunda convicção que o teria conduzido ao arrependimento se não tivesse procurado afastar as indesejadas revelações a respeito de si próprio. Mas ele mandou o apóstolo embora, justamente quando precisava mais desse ministério para o guiar passo a passo ao Mestre. Do mesmo modo, também deve ser tomado grande cuidado por parte de cada uma e todas as pessoas, para ter a certeza de que, quando o Senhor mostra a verdadeira imagem do que nós somos, não rejeitemos essa revelação, mas a aceitemos e bem como o espírito do verdadeiro arrependimento que o Senhor igualmente nos dá nessa altura.

O arrependimento é não só odiar o pecado mas desviar-se dele. Não é suficiente, apenas odiar o pecado devido ao que ele nos faz. Judas e Balaão odiavam ambos as consequências do pecado, mas não odiavam o próprio pecado. Da mesma maneira que odiamos a sujidade porque é sujidade, assim temos de aprender a odiar o pecado por ser pecado. Fazer isto, significa por sua vez que amaremos a justiça por ser justiça.

Fazer isto não é natural para o ser humano. Não é algo que possamos gerar em nós próprios. Portanto, o arrependimento é o dom de Deus. Esta é a verdade das Escrituras que declaram: “Deus com a sua destra o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados.” *Atos 5:31*.

O arrependimento, uma vez recebido como o dom de Deus resultante da operação do Espírito Santo através da Palavra, será acompanhado pela confissão do pecado.

Estes, então, são os primeiros quatro passos para Cristo:

- Conhecimento.
- Convicção.
- Arrependimento.
- Confissão.

É verdade que muitos passaram por cada uma destas experiências segundo o melhor que conheciam delas e têm sentido que satisfizeram os requisitos necessários para obterem a libertação do pecado e mesmo assim verificam que não foram libertados. A verdade é que quando estas experiências na verdade forem obtidas como o Senhor deseja que as obtenhamos, então a libertação será alcançada. O problema está no facto que muitos não têm compreendido o que cada uma destas experiências realmente é. A regra geral é que tem havido um arrependimento e uma confissão do que foi feito, ao passo que tem havido uma falha em compreender o que deve ser o mais profundo arrependimento por aquilo que somos e uma confissão do que somos.

Pensai no passado, naquele emocionante momento em que pela primeira vez vos chegou o conhecimento da verdade de Deus. Quão bela e consistente a verdade vos apareceu por um lado, mas por outro quão convincente ela era. Vistes toda a vossa vida passada como sendo cheia de egoísmo e pecado e com profundo arrependimento desejastes nada mais senão acabar como tudo isso. Determinastes que obedeceríeis a cada um dos mandamentos de Deus. Como os israelitas do passado dissestes: “Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos.” *Êxodo 24:7*. Decidistes que obedeceríeis a todos os mandamentos de Deus.

Verificastes que tivestes sucesso no que respeita a certas actividades exteriores. Grandes vitórias foram ganhas sobre aquelas atracções do mundo que anteriormente vos tinham prendido. Mas, de alguma maneira, a impaciência, o mau temperamento e outros problemas interiores ficaram. Eles levantaram-se para vos derrotar. Inclínastes-vos sob a profunda convicção da continuação do pecado. Confessastes os pecados e determinastes que daí em diante seria diferente, mas não foi. Os mesmos problemas vieram outra e outra vez para vos dar uma experiência de tentar e falhar, confessar e tentar e falhar novamente.

Esse é precisamente o quadro do qual Paulo descreve em *Romanos 7:15-24*.

“Porque o que faço não aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço.

“E, se faço o que não quero consinto com a lei, que é boa.

“De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.

“Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem.

“Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.

“Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim.

“Acho então esta lei em mim; que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo.

“Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.

“Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.

“Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

Seria impossível a Paulo descrever a nossa experiência como professos filhos de Deus, melhor do que o fez aqui. Quantas vezes, quando leio estas palavras, as pessoas me têm respondido dizendo: “este é o quadro exacto da minha experiência. Paulo estava a escrever a meu respeito quando escreveu estas palavras.”

Quando esta passagem é lida, será visto que Paulo tinha todos esses primeiros passos para Cristo. Que ele conhecia a lei e a sua própria condição em relação a ela é evidente por causa das repetidas admissões de não conseguir satisfazer fazer o que a lei exige. No princípio do capítulo ele tinha declarado directamente a respeito da lei nas seguintes palavras: “E assim, a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom.” Versículo 12.

Outra vez ele disse: “Porque nós sabemos que a lei é espiritual.” Versículo 14. Anteriormente neste estudo mencionámos que o conhecimento da lei é acompanhado dum conhecimento de nós próprios. Por isso é que Paulo diz imediatamente: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual;” e confessa “Mas eu sou carnal vendido sob o pecado.”

Tais convicções são seguidas de arrependimento se não forem reprimidas. Não há dúvida que Paulo tinha nesta altura o dom do arrependimento porque odiava o pecado, quando afirmou: “Mas o que aborreço isso faço.” Além do mais, ele estava a desviar-se do pecado com toda a determinação que tinha. Não há dúvida que isto é verdadeiro arrependimento.

Juntamente está a confissão. De facto toda esta passagem é uma confissão.

É então claro que Paulo nesta fase da sua busca pela salvação, tem estes primeiros quatro passos para Cristo, *conhecimento*, *convicção*, *arrependimento* e *confissão*. É igualmente claro que ele não tem a libertação do pecado, e portanto não tem a salvação. É muito importante que isto seja visto, pois há o grande perigo de pensar isso por termos dado estes passos, ou pensarmos que os demos, temos desse modo temos a salvação assegurada. Mas esta passagem da Escritura claramente mostra que é possível ter dado estes passos pelo menos em certa medida, e mesmo assim continuar a ser servo do pecado e estar sem libertação do poder desse senhor do pecado que nos governa contra a nossa vontade. Isto é na verdade uma experiência de pecar e arrepender, pecar e arrepender dos mesmos pecados que nos assediaram ano após ano. É a vida de um escravo do pecado apesar do conhecimento pessoal de algo melhor e desejo de fazer melhor.

Quando uma pessoa chegou a um conhecimento da verdade de Deus, experimentou a convicção do pecado e se arrependeu dele e o confessou, está pronta para crer que encontrou a salvação, apesar de ainda ser escrava da sua velha natureza pecaminosa. O testemunho de Paulo em *Romanos* sete foi para ele a confirmação adicional de que assim é.

Embora erradamente, é sem dúvida possível tirar esta conclusão do testemunho de Paulo a respeito da sua experiência. De facto, essa é a conclusão a que se chegará se o raciocínio for: Paulo era um grande homem de Deus. Compreendia o evangelho e o plano da salvação. Estará

no reino, contudo declarou que era carnal, vendido sob o pecado e um escravo do pecado. Ele não fazia o que sabia ser certo, mas via que fazia as próprias coisas que sabia estar erradas. Se esta fosse a experiência de Paulo na altura em que era um verdadeiro cristão e, por conseguinte, tinha a esperança da salvação, então devemos esperar que a nossa experiência cristã seja a experiência descrita em *Romanos* sete. Por outras palavras, crê-se que a experiência do homem de *Romanos* sete é a experiência do verdadeiro filho de Deus renascido.

A falha deste argumento é a aceitação que em *Romanos* 7, Paulo estava a descrever a sua experiência depois de se tornar cristão, quando relatava aquilo que passou no seu caminho para se tornar um cristão vitorioso.

A fim de ilustrar este ponto ainda mais, permitam-me que mencione uma experiência que uma vez vivi. Foi-me feito o convite para falar a respeito do caminho da libertação a um homem que tinha uma elevada posição na igreja. Mais ainda, ele era o Director de uma instituição religiosa, era bem versado nas doutrinas da igreja e certamente guardava a lei no que respeita aos requisitos exteriores. Durante anos havia estado no púlpito a pregar ao povo. Contudo, quando lhe li as palavras de Paulo em *Romanos* 7, ele disse-me: “Este é o quadro exacto da minha experiência desde que me entreguei ao Senhor. Nasci com a maldição de um mau temperamento e ainda tenho esse problema comigo. Perco a minha calma. Sinto a convicção do pecado. Confesso-o e determino que não voltará a acontecer. Então vem o poder da tentação e eu perco-o uma e outra vez. Com certeza sinto-me como Paulo nesta passagem.”

Este homem foi tão franco e honesto como foi Paulo em *Romanos*. Sem estarmos a julgar este homem é próprio fazer a seguinte pergunta: Ressuscitaria na ressurreição dos justos um homem neste estado, ou estaria pelo contrário, eternamente perdido?

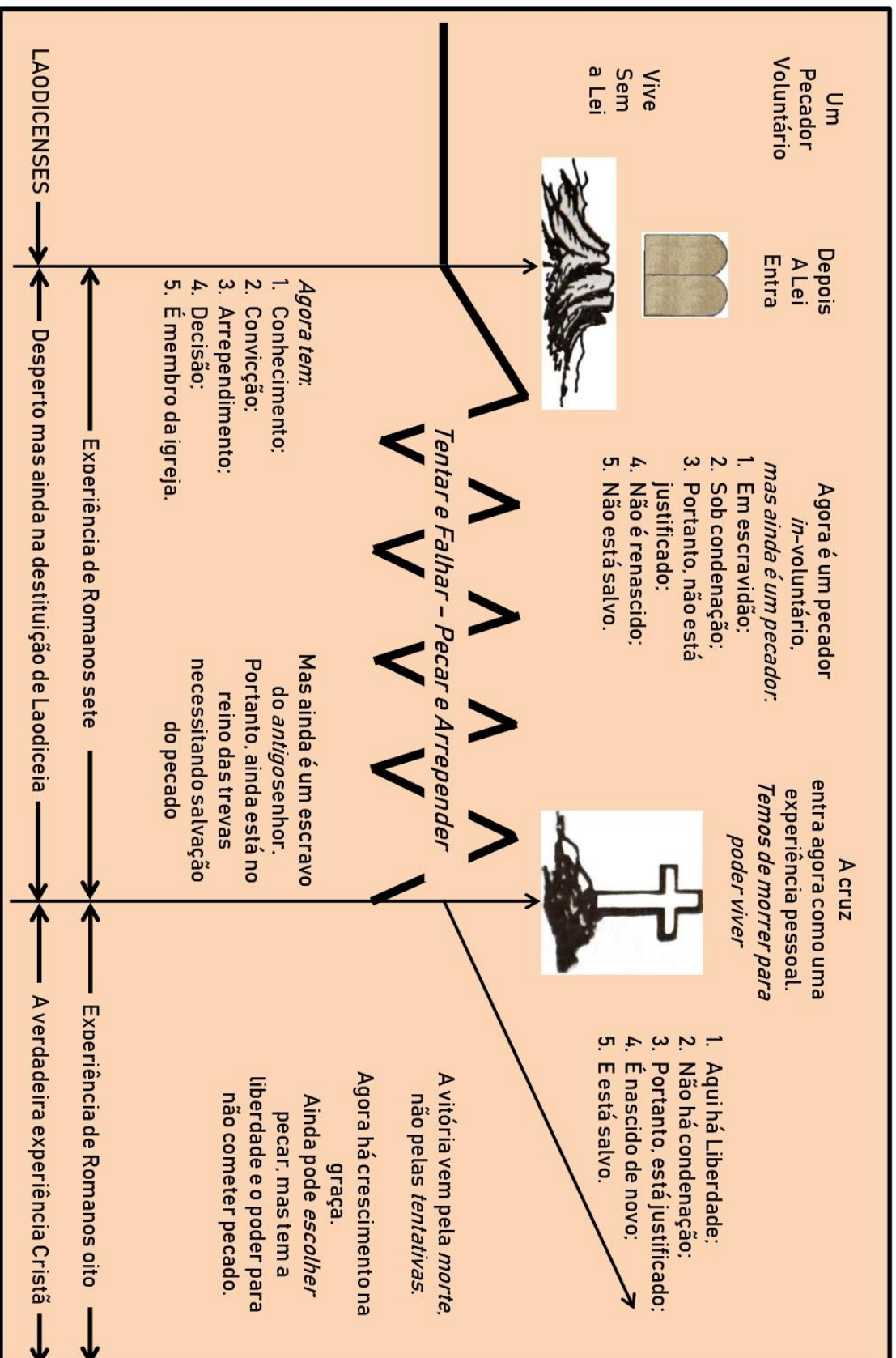
Este homem foi tão franco e honesto como foi Paulo em *Romanos*. Sem estarmos a julgar este homem em particular é próprio fazer a seguinte pergunta: Ressuscitaria um homem neste estado na ressurreição dos justos, ou estaria pelo contrário, eternamente perdido?

Assegurai-vos que antes de tentardes responder à pergunta tenhais a certeza de que compreendeis o que é esta experiência registada em *Romanos* sete. Aqui está o homem. Ele conhece a lei de Deus e está a guardá-la o melhor que sabe e pode. É fiel comparecendo na igreja todas as semanas. Tem um elevado cargo na igreja. Paga os seus dízimos e ofertas. Ocupa-se activamente em projectos missionários para a igreja. É tido em alta estima pela comunidade. Mas tem que declarar que ainda é escravo da sua própria natureza interior e não pode fazer as coisas que sabe no seu coração estar certo fazer.

Este é o homem de *Romanos* sete. Este homem não é o pecador voluntário do mundo que não se interessa pelas coisas de Deus nem pela eternidade. Nós sabemos que o homem do mundo, enquanto permanece como tal, nunca ressuscitará na ressurreição, mas, o que acontece ao homem de *Romanos* sete? Esta é a pergunta e é uma pergunta muito importante.

Existem dois factores além do argumento a respeito da vida de Paulo que influenciarão em grande parte a mente para dizer que esta é a experiência dum verdadeiro filho de Deus. Primeiramente, há o testemunho de que as nossas vidas, durante toda a nossa associação com a igreja, tem sido a descrição de *Romanos* sete. Somos levados a pensar em todos os sacrifícios que fizemos pela verdade e estamos muito relutantes em admitir que tudo isto foi para nada.

Depois, uma vez mais, pensamos em todos os amados que morreram e que sabemos que estavam na experiência de *Romanos* sete. Temos acariciado a esperança de os ver outra vez no reino. Portanto, se tivermos que chegar à conclusão que o homem de *Romanos* sete não é um filho de Deus, então tememos nunca mais voltar a vê-los. Tenho visto pessoas agarrarem-se à crença de que o homem de *Romanos* sete é um verdadeiro filho de Deus apenas por esta razão. Falharam em compreender que não importa o que acreditaram, a realidade é o que é. A sua recusa em aceitar esse facto não altera a situação em nada.



Por isso, a pergunta está perante nós em toda a sua importância vital.

É a experiência de *Romanos* sete a experiência de um verdadeiro filho de Deus ou não?

Sempre que esta pergunta é feita em regra gera três respostas. Há os poucos que dizem logo que uma pessoa nestas condições ressuscitaria na ressurreição. Depois há os que não estão tão certos, e há outros ainda que dizem que este homem, se morresse nesta experiência, não ressuscitaria na ressurreição dos justos.

Portanto, é claro que existe claramente alguma confusão a respeito da experiência de *Romanos* sete ser a experiência dos que são salvos ou não. É extremamente importante que esta questão seja inequivocamente estabelecida nas mentes de todos os que procuram a vida eterna. Há uma boa razão para isto. Considerai a posição perigosa da pessoa que sabendo estar na condição da experiência descrita em *Romanos* sete e mesmo assim, crê que ao mesmo tempo é uma experiência cristã normal, quando de facto não é. Essa pessoa não procurará mais nada do que isto e estará contente com o que tem. Somente aquele que procura encontra. Portanto, em virtude de não procurar mais do que isto, nada mais encontrará. Quando, no grande dia de contas final, descobre que tem estado apoiada numa falsa esperança, a sua perda será terrível. Não há nada mais temível do que passar a vida pensando que tudo está no caminho certo e no fim descobrir demasiado tarde que aquilo que se julgava ser salvação não é salvação alguma.

É da maior importância que as interpretações e opiniões humanas não tenham aqui lugar na determinação desta questão. A única autoridade é a Palavra de Deus. Aí é o único lugar onde as respostas devem ser encontradas. Então, quando a resposta tiver sido encontrada na Palavra de Deus, deve ser aceite porque é a Palavra de Deus dada para a nossa salvação.

Não há dúvida quanto ao homem de *Romanos* sete estar em cativeiro. Ele sabe o que deveria fazer, mas descobre que é impossível fazê-lo. Não é de modo algum um pecador voluntário, mas pelo contrário, ele peca contra sua vontade. Mas a verdade é que continua a ser um pecador. É um pecador que está ao serviço do poder do pecado e está por isso ao serviço de Satanás.

Se está ao serviço de Satanás, então não pode estar ao serviço de Deus, porque, “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” *Mateus* 6:24.

Se não está a servir a Deus, como pode ser filho de Deus? Não pode. Se não é filho de Deus, então como pode ter a salvação? Uma vez mais a resposta é que não pode. Portanto, com base nesta evidência, é claro que o homem de *Romanos* sete não tem salvação.

Mas este é apenas um testemunho para provar que o homem de *Romanos* sete não tem salvação. É claro e convincente, mas não é suficiente pois é a regra das Escrituras que “pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada.” *Mateus* 18:16. Por conseguinte, procuraremos mais testemunhos da Bíblia para este efeito.

Nos versículos finais de *Romanos* sete, Paulo chega ao fim da descrição da sua experiência de escravo do poder do pecado. No irremediável desespero causado pela experiência exclama: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?”

É oportuno fazer uma pergunta nesta altura, que foi bem apresentada e respondida pelo Dr. E. J. Waggoner no seu livro *Christ and His Righteousness*, 86 e 87. “É uma verdadeira experiência cristã um corpo de morte tão terrível que a alma é constrangida a clamar por libertação? — Não, de modo algum. . . . Libertaria Cristo numa verdadeira experiência cristã? — Não, de maneira nenhuma. Então o cativeiro do pecado, do qual o apóstolo se queixa no sétimo capítulo de *Romanos*, não é a experiência de um filho de Deus, mas a de um servo do pecado. Foi para libertar os homens deste cativeiro que Cristo veio; não para nos livrar das lutas e contendas

desta vida, mas da derrota; para nos habilitar a ser fortes no Senhor e na força do Seu poder, para que pudéssemos dar louvores ao Pai “que nos libertou do poder das trevas e nos trasladou para o reino do Seu amado Filho”, através do sangue de quem temos a redenção.”

O argumento aqui usado por E. J. Waggoner é que Cristo nunca libertaria alguém de uma verdadeira experiência cristã. Contudo, aqui está Paulo a pedir que o libertem da experiência de *Romanos* sete. O próprio facto dele pedir a libertação, à luz da verdade que Cristo nunca libertaria alguém de uma verdadeira experiência cristã, é prova positiva que a experiência de *Romanos* sete não é a experiência de um verdadeiro filho de Deus. Este portanto é o segundo testemunho.

Voltemos ainda a nossa atenção para um terceiro testemunho.

Logo que Paulo clama por libertação na grande fé de alguém que compreende não só que a salvação só se encontra em Deus, mas que o evangelho é o poder de Deus para salvar do pecado, então, em resposta à pergunta: “Quem me livrará?” ele pôde dizer imediatamente, “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor.” *Romanos* 7:25.

Em seguida todo quadro muda. Ele fez uma pausa apenas o tempo suficiente para resumir a experiência de *Romanos* sete nas palavras, “Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado.” Este é o quadro exacto do homem de *Romanos* sete. Ele sabe o que é recto e com a mente decide que servirá a Deus. Com a mente ele crê nas verdades de Deus. A sua mente é leal ao Senhor e é entregue ao serviço de Deus, mas as actividades reais da sua vida são devotadas ao serviço do pecado apesar de, na mente, saber que está errado e desejar fazer outra coisa.

Completado este resumo, Paulo descreve em seguida a completa mudança de cena à medida que ela acontece depois do seu sentido apelo à libertação e da sua gratidão pelo recebimento. “Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.

“Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” *Romanos* 8:1, 2.

Em seguida, no resto do capítulo, ele fala de liberdade, de vitória, da filiação com Deus e termina com o triunfante testemunho: “Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou.

“Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir.

“Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.” *Romanos* 8:37-39.

É impossível ler *Romanos* sete e depois *Romanos* oito sem ver que são na verdade duas experiências diferentes. *Romanos* sete é a experiência de um escravo forçado contra a sua vontade a fazer as obras do pecado, ao passo que o outro capítulo é a história de uma pessoa livre do poder do pecado para fazer aquilo que sabe estar certo e deseja fazer. Não podem ser ambos a descrição de uma experiência cristã. Um ou outro mas não ambos. Embora possais ter alguma dificuldade em ver que essa experiência em *Romanos* sete não é a experiência de um filho de Deus, essa dificuldade não devia existir a respeito de *Romanos* oito. Todos deviam ser capazes de ver que esta é na verdade a experiência de um cristão. Em *Romanos* oito “nenhuma condenação” há, versículo 1; ele está “livre da lei do pecado e da morte” versículo 2; a justiça da lei está a ser cumprida na pessoa e a pessoa anda, “não segundo a carne, mas segundo o espírito” versículo 4; a pessoa é um filho de Deus, versículos 14-16; por conseguinte, a pessoa é

um herdeiro, e, de facto, um co-herdeiro com Cristo, versículo 17 e é mais do que vencedor através d'Aquele que nos amou. Versículo 37.

Esta é uma experiência cristã. Ninguém pode ter a mínima dificuldade em ver isto. Mas quão diferente esta é da experiência descrita em *Romanos* sete. Por conseguinte, se *Romanos* oito é a descrição da experiência cristã, então *Romanos* sete tem que ser a descrição de outra experiência que não essa. Não poder ser a descrição da experiência de um cristão.

Mas esta não é toda a evidência que suporta estes factos. No fim de *Romanos* sete, Paulo pede para ser libertado e, como a mudança veio, deu graças ao Senhor por ela. Então, o seu testemunho imediato foi: “Portanto nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.” *Romanos* 8:1.

É bom salientar nesta altura o significado de duas palavras neste texto, que são, “portanto” e “agora”. A primeira é uma palavra que é muito comum na construção dos argumentos de Paulo. Repetidamente é o seu estilo expor certos factos e depois tirar conclusões desses factos. À medida que tira as conclusões dos factos apresenta-as com a palavra, “portanto”. Com efeito, o que ele está a dizer é isto: Por causa destes factos já apresentados, têm que se seguir estas coisas.

Neste caso particular ele descreveu, a passagem pela terrível experiência de estar na escravidão do poder do pecado, do seu clamor pedindo libertação e de a ter recebido. Porque se deu essa libertação, então segue-se aquilo que de outra maneira não poderia acontecer. Por conseguinte, agora não há condenação. A palavra “agora” dá força ao uso de “portanto”, pois indica que existe uma mudança. As coisas eram assim, mas agora são diferentes.

Para tornar duplamente certo que todos compreendem o porquê de agora não existir condenação, é dito que ela não existe, “porque a lei do espírito de vida em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.”

Antes, em *Romanos* sete ele tinha um testemunho muito diferente para dar. Ali, com certeza não estava livre da lei do pecado e da morte. Agora está e porque está não existe condenação. Isto então significa admitir que quando ele não estava livre da lei do pecado e da morte, havia condenação.

Há uma só palavra que significa o mesmo que “não há condenação” e essa palavra é, “justificação”.

Já vimos que onde existe libertação da lei do pecado e da morte, como acontece em *Romanos* oito, depois de ter sido libertado do cativo de *Romanos* sete, não há condenação, o que significa dizer que existe justificação. Isto, então, significa dizer que o homem em *Romanos* sete nem sequer a justificação ou perdão tem. Se ele não tem estas coisas, então como pode ressuscitar na ressurreição dos justos?

De modo algum esgotámos os testemunhos que declaram que o homem de *Romanos* sete não tem salvação, mas estes são mais do que suficientes para mostrar isso.

Pede-se ao leitor para considerar honestamente o significado disto no que respeita à sua própria experiência. Se sois um dos que podem testificar neste momento que *Romanos* sete é o quadro perfeito do vosso estado espiritual, então a verdade é que não tendes salvação do pecado, e, se morrêsseis nesta altura, não ressurgiríeis na primeira ressurreição.

Para alguém que durante muito tempo tem sido um membro fiel da igreja, que tem estado activamente empenhado nas suas actividades, que tem subscrito as suas crenças e tem liberalmente suportado os seus programas tendo uma boa reputação junto dos seus vizinhos, mas, tem a experiência de *Romanos* sete, esta conclusão de não ter salvação deve apresentar-se como um choque terrível. Contudo, é vitalmente necessário que esta compreensão venha, pois

é essencial compreender a verdadeira situação a fim de poder dar os passos necessários para se apegar àquilo que o Senhor tem para vós.

Há duas reacções possíveis quando se chega a esta compreensão. A tendência da natureza humana é rejeitar aquilo que está a perturbar o que está estabelecido e assente na vida. Depois de ter descansado durante tanto tempo numa certeza confortável, apesar de enganosa, há o forte desejo de não enfrentar a realidade acerca de nós próprios. Não queremos que isto seja verdade. Por conseguinte, existe um perigo real muito grande de nos desviarmos e escolher o que é mais aceitável e agradável para nós.

Se sucumbirdes a essa tentação, então vereis que uma dúzia de argumentos afluirão subitamente aos vossos lábios a fim de contradizer as evidências da Palavra de Deus. Direis com ansiosa rapidez: “Porquê, é claro que sou um cristão! Vê o que abandonei para seguir a Cristo! Olha para o meu amplo conhecimento das Escrituras, o tempo que passei a estudar e orar, o meu elevado cargo na igreja e... e... e...”

Não há erro mais fatal que possa ser cometido do que este. Há demasiadas pessoas na história que perderam a sua vida eterna porque não tiveram a coragem e a honestidade de enfrentar a verdade a respeito de si próprios neste assunto. O resultado foi que o Espírito de Deus não podia fazer mais nada por eles e as impressões criadas morreram.

A outra reacção que podíeis experimentar é a de um desespero sem esperança. Sois suficientemente honestos para reconhecer a verdade da Palavra de Deus quando ela claramente vos diz que a experiência que tendes passado não é salvação. Uma sensação de serdes uma alma perdida e condenada vos vence e sentis que estais eternamente separados de Deus.

Se, nesta altura, é assim que vos sentis, então nada podia ser melhor para vós. O haverdes sido trazidos a esse estado é a obra do Espírito Santo. O Espírito sabe que é essencial que conheçais a vossa verdadeira condição. É de extrema importância que o encanto da falsa segurança seja quebrado para que o Espírito de Deus possa fazer a obra seguinte por vós. Demasiadas pessoas têm vivido na condição de Laodiceia descrita em *Apocalipse* 3:14-22. Essas pessoas não sabem que são miseráveis, e desgraçados, e pobres, e cegos e nus.

Mas isto tem de ser conhecido, porque, se não for, então a alma permanecerá na sonolência da falsa certeza até ser demasiado tarde. Por conseguinte, regozijai-vos e alegrai-vos se chegastes nesta altura ao ponto em que vos vedes como completamente perdidos.

Regozijai-vos, também, porque existe um caminho de libertação do poder do pecado. Não necessitais de permanecer na experiência de *Romanos* sete, derrotados e frustrados em vossos zelosos e sinceros desejos de servir o Deus vivo. Mais ainda, esse caminho, o caminho da libertação, não é segredo. Nem é nossa intenção trazer-vos a este lugar de desespero sem vos mostrar o caminho da libertação para o gozo da salvação de Deus. Rogamos-vos, então, que continueis com o estudo deste assunto até a fé se apoderar do poder de Deus e sejais curados.

Tendo provado, então, que o homem de *Romanos* sete não é com certeza um cristão, necessitamos de compreender justamente porquê, apesar de conhecer a lei e desejar guardá-la é incapaz de o fazer. Compreendermos a razão disto é uma parte importante para a solução do problema.

A Natureza do Homem

A compreensão deste problema está em conhecermos a natureza do homem. É verdade que o homem é um organismo muito complexo no qual existe uma interligação muito íntima entre

todas as partes. Contudo, conquanto exista esta interligação, há, ao mesmo tempo uma distinção que deve ser feita entre as partes principais, considerando por sua vez o papel desempenhado por cada uma delas.

Assim, para ser mais específico, cada um de nós, primeiramente tem uma mente inteligente que pensa. Neste departamento recebemos a informação através dos vários sentidos, os olhos, os ouvidos, o tacto, o gosto e o cheiro. É assim que as mensagens de Deus são levadas até à pessoa de modo que ela fica a conhecer o que necessita conhecer a respeito da sua própria condição pessoal, da sua necessidade e do que o Senhor fará por ela.

A mente não aceita tudo quanto lhe é oferecido. Algumas coisas são rejeitadas por várias razões. Rejeitará mesmo a verdade que a pessoa mais necessita porque já foi treinada para crer numa mentira ou porque a aceitação da verdade seria inconveniente ou traria sofrimento.

Para fazer isto, a mente tem que pensar e tirar conclusões. Essas conclusões por sua vez exigem tomar decisões, as quais pedem acções correspondentes da parte da pessoa. Isto chama-se exercer a vontade.

Quando toda esta obra estiver realizada na mente, então o corpo é chamado a obedecer ou a levar a cabo as decisões tomadas na mente. Para o propósito deste estudo, será suficiente compreender que o corpo é um instrumento destinado a cumprir os propósitos da mente do homem. Mais tarde, à medida que o estudante avance mais no estudo da obra da reforma a qual se segue à experiência do renascimento, será necessário compreender que o corpo é também capaz de exercer uma grande pressão sobre a mente para satisfazer as suas necessidades de gratificação própria ou auto preservação.

Que o corpo é um instrumento é tornado claro nas seguintes palavras: “Nem tão pouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça.” *Romanos 6:13*.

Não deveria ser difícil para qualquer pessoa compreender que o corpo se destina a servir a mente. Pensai numa ilustração muito simples. Como resultado das informações que tendes e das resultantes decisões da mente, desejais ir do lugar onde estais para um outro. A informação armazenada diz-vos que primeiramente tendes que caminhar do lugar em que estais para a estação do comboio. A vossa mente não pode lá chegar sozinha, mas pode ordenar aos membros do corpo, que são os pés e as pernas neste caso particular, que vos transportam a esse lugar. O corpo assim procede de acordo com as indicações da mente.

Muitos outros exemplos poderiam ser dados para ilustrar este sistema. Cada um de nós pode evocar na sua vida diária a operação deste sistema, mas, no caso do homem de *Romanos sete*, o corpo nem sempre faz o que a mente lhe ordena. Lede a clara declaração disto no versículo quinze.

“Porque o que faço não o aprovo, pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço.”

Aquilo que é feito é feito pelo instrumento do corpo físico e através dele. Mas aquilo que neste caso é feito, não é consentido, ao passo que aquilo que se deseja o corpo não faz, pelo contrário, ele faz precisamente aquilo que se odeia. É claro que é na mente pensante que existe o ódio por estas coisas. É aí que se diz que não deve ser feito. Aqui está, portanto, um caso claro de uma situação em que a mente sabe o que deveria fazer, deseja fazê-lo, envia instruções aos membros do corpo para ser feito, mas para seu completo desapontamento vê o corpo fazer outra coisa e não aquilo que a vontade deseja.

Não deveria haver dificuldade em compreender isto, pois estou certo que todos nós já experimentámos isto uma vez ou outra. De facto, se podeis testificar que estais ainda na experiência de *Romanos* sete, então sabeis bem o que é esta situação. Decidistes, por exemplo, que nunca mais pronunciaríeis palavras precipitadas, irreflectidas e desagradáveis contra alguém. Sois na verdade sinceros nas vossas intenções. Aplicais a vossa vontade para o conseguir e durante algum tempo tudo parece correr bem, mas vem o dia em que esse instrumento indisciplinado, a língua, pronuncia essas irreflectidas palavras de amarga recriminação contra alguém. Quão pesarosos nos sentimos depois da força do ímpeto ter passado?

Sem dúvida, o homem de *Romanos* sete sabe o que está certo. Conhece a lei de Deus e deleita-se nas grandes verdades da Palavra de Deus. “O querer está em mim, mas não consigo realizar o bem,” diz ele no versículo 18.

A pergunta agora a ser feita é esta: Porque é que, na situação descrita em *Romanos* sete, o corpo que é o instrumento não obedece às instruções da mente? Tem de haver uma razão muito clara e definida para isto, razão essa que, quando é conhecida e compreendida, será um passo decisivo para a solução do problema.

A situação de *Romanos* sete não está correcta. Deus não fez o homem com a intenção de que o seu corpo fosse rebelde contra a sua mente. Deus deu ao homem um corpo como instrumento, destinado a executar os desejos da mente, para ser obediente à vontade, mas, embora este não seja o caso de *Romanos* sete, acontece em *Romanos* oito onde vemos o quadro de um crente capaz de fazer com o instrumento aquilo que sabe estar certo.

Nesta altura qualquer pessoa concluiria que o problema é que a vontade é demasiado fraca para colocar o corpo em verdadeira sujeição de modo que aquilo que é necessário é exercer a vontade com muito maior determinação e poder de maneira a colocar o corpo em sujeição à mente. Mas, não importa quanta determinação seja exercida, pois chega-se à conclusão que a situação não muda. A resposta neste momento não está numa vontade mais forte ou numa maior determinação. Ela está na identificação de um outro aspecto da natureza humana que ainda não foi mencionado neste estudo.

Todas as pessoas normais têm uma mente e um corpo. Também têm uma terceira entidade que desempenha um papel importante na experiência da sua vida. E identificação e isolamento desta terceira entidade não é fácil e há muitos que negam a sua existência como entidade separada. Mais propriamente, identificam esta terceira entidade e a natureza humana carnal como sendo uma e a mesma coisa. Este é um erro grave que impede tais pessoas de encontrar libertação deste inimigo.

Porque a identificação e isolamento deste terceiro aspecto das nossas vidas é tão vital para o sucesso na procura da positiva vitória sobre o pecado, será algum espaço devotado à demonstração da sua existência e à diferenciação da natureza humana física.

Com grande certeza e clareza Paulo referiu-se a todos estes três aspectos da natureza humana neste capítulo de *Romanos*. “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus. Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros.” *Romanos* 7:22, 23.

Considerai este versículo muito cuidadosamente. Primeiramente, Paulo declara que se deleita na lei de Deus segundo o homem interior. Esse deleite unicamente pode estar na sua mente intelectual, racional. Que ele está aqui a referir-se à sua mente, é tornado claro pelas palavras do próximo versículo. “Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento.” Assim, enquanto na mente ele se deleita na lei de Deus, aqui está outra

lei nos membros que batalha contra essa mente. O resultado é que ele se torna cativo ou escravo desta lei do pecado que está nos seus membros.

Deve ser visto que a lei do pecado não é a carne em si mesma, mas sim algo que reside nessa carne. Anteriormente, no versículo dezassete, Paulo tinha declarado: “de maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim.” Aqui o pensamento de “residir em” é expresso nas palavras “que habita em mim”.

Esta “lei do pecado” nos membros não é a carne e o sangue da natureza humana da pessoa. É algo diferente que reside nessa carne e a governa contra a vontade da mente racional educada. Torna-se claro que assim é por outras passagens das Escrituras. “E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne.” *Ezequiel 36:26*.

Aquilo a que Paulo chama a “lei do pecado” em *Romanos* é aqui chamado o “coração de pedra”. Em *Romanos* sete é apresentado como habitando na carne, enquanto aqui a promessa é que será tirado da carne. Será removido e afastado daqueles a quem o Senhor traz a salvação. Quando ele é tirado e afastado, a carne continua lá, pois a própria carne não é tirada nem removida da pessoa, mas é algo tirado e removido da carne. Isto deve tornar claro que existem estas três entidades. Há a *mente*, a *carne* e também a *lei do pecado* ou o *coração de pedra*, que habita na carne e a governa contra a vontade da mente.

Em *Romanos 8:7* esta mesma terceira entidade é referida como sendo a mente carnal nestas palavras: “Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade, o pode ser.”

Este texto é talvez uma das provas mais fortes de que existe esta terceira entidade na pessoa. Considerai muito cuidadosamente o que é dito neste versículo que não pode aplicar-se à carne ou natureza humana. No primeiro caso, enquanto é inteiramente possível à carne pecaminosa e decaída do homem ser um instrumento de justiça pela sujeição à lei de Deus, é impossível à inclinação carnal ser sujeita a esta lei.

A mente carnal não está meramente em inimizade contra Deus. Ela é inimizade. A sua própria constituição, a sua própria natureza, aquilo que ela é, é em si inimizade contra Deus. Se estivesse apenas em inimizade, então, poderia ser reconciliada com Deus, mas quando ela própria é a inimizade, então nunca pode ser reconciliada com Deus, nunca pode ser sujeita à lei de Deus. É uma impossibilidade.

Mas a carne pode. De facto, em *Romanos 6:13*, Paulo diz aos conversos para entregarem os seus “membros a Deus, como instrumentos de justiça”.

Assim, temos uma natureza ou poder no ser humano que está em inimizade e não pode servir a Deus e temos um outro poder, chamado a carne, que pode. Por conseguinte, não podem ser uma e a mesma coisa. Têm que ser duas coisas diferentes, porque uma mesma coisa não podia estar numa posição em que era impossível servir a lei e ao mesmo tempo ser entregue como instrumento de serviço à lei. Isto é impossível.

A inclinação da carne é a lei do pecado, o coração de pedra e o poder do pecado que governa a vida da pessoa contra a vontade da mente. Não é que a carne seja o senhor da mente. Antes, a carne é sujeita a um outro poder ao qual se encontra forçada a obedecer, enquanto esse poder tiver o domínio.

Paulo maravilhosamente resume todo o problema no último versículo de *Romanos* sete quando diz: “Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado.” Portanto é claro que existem dois senhores operando na vida do homem de *Romanos* sete. Um é o grande Senhor de toda a verdade ao qual a mente está devotada a servir,

o outro é a lei do pecado à qual a carne está em escravidão. Assim, a mente e a carne estão ao serviço de dois poderes diferentes e é por esta razão que a carne não faz aquilo que a mente lhe ordena. Está em sujeição a um outro senhor que é despótico e inimigo mortal da lei de Deus.

Chegámos agora ao coração do problema sendo que aquilo que fazemos não é mais do que o fruto do que somos. É exactamente como Jesus disse: “Porque não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto. Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.” *Lucas 6:43-45*.

Aqui, a referência de Cristo é uma lei da Natureza que nunca foi quebrada e com a qual mesmo uma criança é familiar. É um princípio absolutamente sólido. Isto é, se quiserdes ter bom fruto precisais de ter em primeiro lugar boas árvores – ou seja a espécie certa de árvore. Depois, tendo dirigido a mente para este princípio desde há muito provado como se revela na natureza, o Salvador declara que como se passa na natureza assim também se passa no mundo espiritual. O mesmo princípio deve encontrar-se aí. Por conseguinte, se desejamos ter uma vida cheia de boas obras, então em primeiro lugar temos que ser bons.



Mas ninguém pode ser bom enquanto ainda tem a inclinação da carne ou o coração de pedra. Ter esse poder e essa natureza má dentro de nós, é ser uma pessoa má e como tal produzir fruto mau e não bom fruto.

Este, então, é o problema. Não é a mente, porque ela está convertida ao serviço de Deus e às verdades da Palavra de Deus. Não é a natureza humana de carne porque esta é serva de outro poder, o poder da lei do pecado que habita nos membros e os controla contra a vontade.

Isto não significa que a mente e a carne não possam ser um problema. Podem, mas não são o problema, uma vez que a pessoa seja levada à experiência de *Romanos sete*. A pessoa chegou ali porque viu a beleza da verdade e se converteu a ela. A sua carne não é o problema uma vez que está cativa de um outro poder, de modo que, até ser liberta desse poder, não pode escapar do domínio do pecado e fazer aquilo que a mente lhe ordena.

O problema é a lei do pecado nos membros. É a raiz, a causa básica, a fonte oculta do problema. Se isto é o problema, então obviamente é aqui que a solução tem que ser aplicada. Portanto, nesta altura procuraremos encontrar e compreender como essa solução deve ser aplicada.

Parte 2 – A Solução

Agora que o verdadeiro problema foi identificado, a questão é como se pode tratar do problema com eficácia.

Tem de salientar-se logo no início desta parte que nenhuma tentativa deve ser feita a fim de forçar esta inclinação da carne a servir a lei de Deus pois isso é tentar o impossível. Só temos que nos lembrar das palavras de Jesus quando Ele deu a ilustração do espinheiro, para sabermos que nenhuma quantidade de coerção resultará na produção de bons frutos a partir de um coração mau. Considerai o espinheiro. Ele está por natureza em inimizade contra a lei de produzir maçãs. Se uma pessoa encontrasse no seu pomar um espinheiro, saberia que nenhuma quantidade de cultivo, irrigação, fertilização, poda e cuidados ou preocupação, faria com que essa árvore produzisse uma única maçã. A pessoa sabe que isso é impossível.

A pessoa que procura obter a vitória sobre o pecado tem de estar tão firmemente convencida que nenhuma quantidade de esforço ou estudo intenso da Palavra de Deus, ou frequência na ida à igreja, ou actividade missionária, orações devotas e liberalidade nas ofertas, faz com que a inclinação da carne produza os frutos do Espírito. Não é este o caminho porque, a “inclinação da carne... não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.” Isto é tão verdade como é quanto ao espinheiro não estar sujeito à lei da produção de maçãs nem em verdade pode estar.

Portanto, qualquer pessoa que ainda retém a inclinação da carne, e esteja a tentar guardar a lei de Deus e a produzir os activos frutos do Espírito, está a tentar o impossível. Enquanto essa inclinação da carne não for tratada de maneira a quebrar o seu poder, a pessoa não pode começar a guardar a lei de Deus. O machado tem que ser lançado à raiz da árvore. Não há outra forma.

Há os que, no mundo religioso de hoje, pensam que a solução para o problema é remover a lei. Uma pequena análise mostrará que isto não pode ser assim. Um homem ignorante pensou livrar-se do problema do calor quebrando o termómetro, mas quando o fez o calor não se alterou nem o problema diminuiu. O problema continuava o mesmo na temperatura que não se alterava nem baixava. Aquilo que ele tinha perdido era um meio exacto de saber a temperatura que estava.

Semelhantemente, se a lei for afastada não fará diferença ao pecado. Este continuará lá na mesma. O que terá acontecido é que o homem ficará sem uma norma certa pela qual pode saber o que é o pecado.

Na primeira parte de *Romanos* sete esta verdade é bem expressa na ilustração do casamento. Aí é claramente mostrado que não existe necessidade de mudar a lei. Ela é perfeita e não necessita de mudança. O que necessita ser mudado é a pessoa pois é aí que está o problema.

“Não sabeis vós, irmãos [pois que falo aos que sabem a lei], que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera, se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for doutro marido.” *Romanos 7:1-3*.

Todos nós somos familiares a esta situação, pois conhecemos a lei do casamento. Enquanto a mulher estiver legalmente casada com o seu marido, a lei condenará como adultério qualquer tentativa que ela possa fazer para casar com outro homem. Mas se o marido morresse, então a mesma lei que anteriormente condenava o seu casamento com outro homem, agora o consentiria. Tinha ocorrido uma mudança, mas não foi na lei. Foi na mulher. Ela deixou de ser uma mulher casada para ser uma mulher livre.

Isto é igualmente verdade no mundo espiritual. De facto, Paulo aqui, não entrou numa dissertação sobre a questão do casamento, mas usou a lei do casamento em vez disso como ilustração do casamento espiritual com Cristo.

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.” *Romanos 7:4*.

Não há a mínima alusão neste versículo de qualquer mudança feita na lei, todavia, existe uma clara referência a uma mudança. É a mudança realizada na pessoa. Ele tem que morrer para poder haver casamento com outro homem que é Cristo, pois foi Ele que ressuscitou dos mortos.

Todo o propósito da obra de Jesus Cristo é salvar do pecado, como está escrito: “e chamarás o seu nome Jesus; porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados.” *Mateus 1:21*.

Ser salvo do pecado é ser salvo da transgressão da lei, porque o pecado é a transgressão da lei, como está escrito: “o pecado é a transgressão da lei.” *1 João 3:4*. Transgredir a lei é desobedecer. Por conseguinte, ser salvo da transgressão da lei é ser salvo para a obediência.

É claro então que, nem o exercer o esforço supremo da vontade, nem o abolir a lei é a solução para o problema.

Portanto, tendo visto o que não é a solução, veremos agora qual é na verdade a solução. A solução está na erradicação da velha natureza e na sua substituição por uma natureza totalmente nova. Nada está mais claramente ensinado nas Escrituras do que isto. Considerai a clareza deste versículo como prova do que dissemos.

“E lhe darei um mesmo coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne; para que andem nos Meus estatutos e guardem os Meus juízos, e os executem; e eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus.” *Ezequiel 11:19, 20*.

Numa linguagem tão clara quanto possível, o Senhor declara que tirará o velho e pecaminoso coração de pedra da sua carne e lhes dará um novo coração em seu lugar. Ele não diz que lhes dará um novo coração juntamente com o velho. Esta não é a mensagem do versículo. Notai cuidadosamente, pois o versículo declara que o velho será tirado da sua carne, e que um novo espírito e um novo coração tomarão o lugar do antigo.

Tudo isto é feito com um propósito. É feito com o fim de alcançar certos resultados. É feito “Para que (com a intenção ou propósito) andem nos Meus estatutos e guardem os Meus juízos, e os executem; e eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus.”

Vimos muito claramente que em *Romanos* sete a razão pela qual o suposto servo de Deus não podia fazer aquilo que pretendia era porque ainda tinha a velha mente carnal em si

dominando-o como um senhor. Tem sido salientado que a presença deste poder é o problema deste homem. Agora deve ser visto que o Senhor conhece este problema e que a única solução para o problema é a remoção do ofensor e a sua substituição por um coração completamente novo.

Ao retornarmos à ilustração dada por Cristo sobre o espinheiro encontraremos aí a mesma resposta. No pomar o espinheiro apresenta-se verdejante e florescente, não tendo valor algum como produtor de frutos. Está no caminho, ocupa bom solo e rasga as roupas de todos quantos por ali passem. Portanto, o jardineiro tem um problema. Deseja ter bom fruto como por exemplo, maçãs ou laranjas, mas tem um espinheiro. Ele sabe que a única solução é arrancar o espinheiro do seu lugar na terra e substituí-lo por uma árvore boa. Então sabe que em devido tempo obterá o bom fruto pela simples razão que agora tem uma árvore boa.

Do mesmo modo, o homem de *Romanos* sete deseja produzir as boas obras da lei na forma dos frutos do Espírito, os quais são: amor, gozo, paz, etc. Mas tem uma natureza má, dentro da qual está a fonte, não da obediência em amor, mas do ódio, orgulho, ciúme e coisas semelhantes. A sua condição é a mesma do jardineiro com o espinheiro e a solução é a mesma. Essa natureza má tem que ser arrancada do corpo humano o qual é feito do pó da terra e substituída por uma natureza nascida do alto. Unicamente assim pode ele ser um filho de Deus e só desta maneira pode produzir os bons frutos do Espírito.



**Não é suficiente
cortar a árvore má.
O machado tem de
ser lançado à raiz,
caso contrário ela
crescerá de novo.**

Esta verdade é declarada repetidas vezes nas Escrituras, de modo que os seus repetidos testemunhos não deixarão dúvida na mente de qualquer pessoa no que respeita ao caminho da libertação do terrível poder do pecado. “Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito.” *Romanos 8:2-4*.

Deus enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o pecado na carne. Existe aqui uma distinção muito importante que necessita de ser reconhecida. As ações do pecado podem muito bem ser designadas como os pecados da carne, pois o poder interior do coração de pedra ou a mente carnal, é o pecado na carne. Agora notai que Jesus não veio para fazer uma obra

superficial de meramente condenar os pecados da carne. Ele veio para condenar o pecado que está na carne que é a causa da derrota contínua experimentada por todos aqueles que ainda possuem no interior este poder mau.

Porque é que Ele veio condenar o pecado na carne? Foi porque, uma vez condenado, “a justiça da lei pudesse ser cumprida em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo e Espírito.”

A mensagem é sempre a mesma. O velho é condenado, é desenraizado e removido para que se cumpram certos objectivos. Esse objectivo é para que sejamos colocados onde possamos viver a vida da justiça de Deus através de Jesus Cristo nosso Senhor.

Quando Jesus veio e realizou a condenação do pecado na carne, condenou-o a quê? Condenou-o a ser colocado sob sujeição e controlo? Condenou-o ao exílio? Condenou-o meramente como uma declaração de desaprovação? Na verdade não o condenou a nenhuma destas coisas. Condenou-o à morte, uma morte que se tornou efectiva pelo resultado da Sua morte e ressurreição.

Em parte alguma é esta verdade mais claramente exposta do que em *Romanos 6:1-6*.

“Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na Sua morte? De sorte que fomos sepultados com Ele pelo baptismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da Sua morte, também o seremos na da Sua ressurreição: sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.”

O versículo 6 é o ponto alto do argumento contido nestes versículos. Enquanto os versículos anteriores tornaram claro que aqueles que estão em Cristo Jesus e por isso são verdadeiros filhos de Deus têm a justificação e por consequência um título para o reino de cima, morreram e ressuscitaram como Ele morreu e foi ressuscitado, este versículo diz especificamente o que é que morreu.

Mas antes de dirigir a nossa atenção para aquilo que tem de morrer antes de sermos libertos do pecado, vejamos a força da mensagem dos versículos anteriores. A mensagem aqui contida é que somente aqueles que morreram podem viver. É uma outra maneira de dizer que o velho tem que ser removido para que o novo entre. A morte remove sempre o velho. A ressurreição traz o novo.

Nos termos mais fortes desta passagem, esta verdade é expressa no versículo 5. “Porque se fomos plantados juntamente com Ele na semelhança da Sua morte, também o seremos na semelhança da Sua ressurreição.”

A primeira parte deste texto é uma cláusula condicional. “Se fomos plantados juntamente com Ele na semelhança da Sua morte...” Isto é a expressão da grande verdade que se esta condição não for cumprida o resto não pode seguir-se porque, só aqueles que morreram com Cristo podem como consequência viver com Ele. Isto é dizer que, somente se o velho for removido pode o novo tomar o seu lugar. Primeiro, o espinheiro tem que ser arrancado antes que a macieira possa ocupar o seu lugar. Eles não podem crescer nem crescem ao mesmo tempo no mesmo solo.

Portanto, o que é que Paulo está a dizer nestes versículos? Está ele a pronunciar alguma retórica pomposa e elevada mas sem sentido nem significado, ou são estas palavras reais a respeito de experiências reais? Quando ele declara que temos de morrer com Cristo, o que quer ele dizer com isto? Temos que morrer na realidade, ou é isto meramente alguma mudança na atitude mental ou algo parecido?

O que torna difícil as pessoas acreditarem que isto deve ser uma morte real e verdadeira é o facto de falharem em compreender a distinção entre a carne pecaminosa e a pecaminosa mente carnal que por outro lado é chamada o coração de pedra, o velho marido e o senhor do pecado. Porque a generalidade das pessoas pensam na natureza pecaminosa como sendo a carne e porque sabemos que uma pessoa não termina esta vida terrena a fim de poder renascer, é suposto que esta é uma morte fictícia. Imaginam que isto é algo que é meramente imputado ou atribuído à pessoa mas real na vida de Cristo.

Portanto, o que é que Paulo está a dizer nestes versículos? Está ele a pronunciar alguma retórica pomposa e elevada mas sem sentido nem significado, ou são estas palavras reais a respeito de experiências reais? Quando ele declara que temos de morrer com Cristo, o que quer ele dizer com isto? Temos que morrer na realidade, ou é isto meramente alguma mudança na atitude mental ou algo parecido?

O que torna difícil as pessoas acreditarem que esta tem de ser uma morte real e verdadeira é o facto de falharem em compreender a distinção entre a carne pecaminosa e a pecaminosa mente carnal que por outro lado é chamada o coração de pedra, o velho marido e o senhor do pecado. Porque a generalidade das pessoas pensa na natureza pecaminosa como sendo a carne e porque sabemos que uma pessoa não termina esta vida terrena a fim de poder renascer, é suposto que esta é uma morte fictícia. Imaginam que isto é algo que é meramente imputado ou atribuído à pessoa mas real na vida de Cristo.

É inteiramente verdade que a pessoa que deixa para trás de si a experiência de *Romanos* sete e se torna um verdadeiro filho de Deus ressurgido, não morre fisicamente. Depois de convertido, tem a mesma carne e o mesmo sangue que tinha quando estava no mundo. Não houve aí qualquer morte ou mudança. A carne pecaminosa é carne mortal. Disto ninguém será liberto a não ser na grande manhã da ressurreição, quando Cristo descer e chamar o Seu povo para o lar celestial.

Mas a pessoa morre, porque, se não morrer, então não pode estar em Cristo. O que é que morre então? A resposta está no versículo 6: “Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com Ele crucificado....” Aqui está algo chamado como “homem velho”. O que significa esta expressão? Quem ou o quê é este homem velho? Para ter a certeza que compreendemos a parte seguinte do versículo Paulo diz-nos que o homem velho é crucificado, “para que o corpo do pecado seja desfeito. . .”, mas em vez de usar o termo “homem velho” da segunda vez usa outro nome, “o corpo do pecado”. Deste modo somos ajudados a saber que o “velho homem” e o “corpo do pecado” são uma e a mesma coisa.

Em *Romanos* 7:24 é chamado “o corpo desta morte” que é também uma outra maneira de expressar aquilo que antes no mesmo capítulo ele tinha chamado a “lei do pecado”. Do que já foi estudado nesta publicação, sabemos agora que o “homem velho”, o “corpo do pecado”, o “corpo de morte” e a “lei do pecado” se referem a esse terceiro elemento, a inclinação da carne que “não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser”.

Isto é aquilo que é crucificado para morrer na vida daqueles que passam de não convertidos a convertidos. Isto é aquilo que tem que ser removido pela morte para que uma nova vida possa ressurgir no lugar da antiga.

Que nenhuma má compreensão seja admitida acerca do facto que esta tem que ser uma morte real. Não é simplesmente ser colocado na prisão como prisioneiro perpétuo. Não é ser acorrentado ou posto sob controlo. Crucifixão é uma forma de morte. O seu propósito é matar e aqueles que crucificam não ficam satisfeitos enquanto o resultado não for alcançado.

Portanto, quando Paulo diz que o velho homem é crucificado, quer dizer que é morto. Para ter a certeza que este significado é alcançado pelo leitor, ele diz que é crucificado para que o corpo do pecado seja desfeito. Quando algo é desfeito, simplesmente deixa de existir. A história da sua vida acabou. Já não existe mais.

Em cada um dos outros textos e ilustrações, nós vimos que esta obra é realizada com um propósito definido. É feita para que a pessoa possa passar da desobediência para a obediência, da situação em que se queixa de não poder fazer aquilo que deseja fazer, para a situação em que a justiça da lei é cumprida na sua vida. Assim, neste versículo, o velho homem é crucificado, o corpo do pecado é destruído “para que daí em diante não sirvamos mais ao pecado”.

A natureza é uma maravilhosa ilustração da verdade do evangelho. Então, a verdade deste versículo, será vista com maior força se substituirmos a situação do espinheiro pela do homem velho e depois lermos o versículo como se aplicaria ao jardineiro que deseja ter bom fruto mas tem um espinheiro. Arranca-o e substitui-o pela semente de uma macieira. Em seguida diz:

“Sabendo isto, que a velha árvore foi arrancada pela raiz, para que o espinheiro pudesse ser destruído, para que daí em diante não mais produzisse espinhos.” Ninguém terá a mínima dificuldade em ver que este princípio opera na natureza e como opera ali. Vede os mesmos princípios em operação no mundo espiritual e a compreensão será igualmente clara a respeito desta obra de limpeza da alma como acto preliminar da vitória sobre o problema do pecado.

A Libertação

Até aqui foi dedicado espaço significativo ao estudo do problema. Deste estudo deve ser claro que, fazemos o que fazemos, não por causa da fraqueza ou força da vontade, mas por causa daquilo que somos. Enquanto tivermos dentro de nós a lei do pecado e da morte, teremos uma força má que controlará o instrumento de carne e sangue humano e usá-lo-á de acordo com a vontade do senhor do pecado, sem respeito pelo conhecimento, desejos ou consciência da mente.

Por conseguinte, para libertar deste poder é preciso retirá-lo e afastá-lo da pessoa e ser colocada uma nova vida no lugar da antiga. Não há outra maneira de entrar na experiência do novo nascimento. Não há outro processo de passar do cativo de *Romanos* sete para a liberdade de *Romanos* oito.

Embora a compreensão do problema e da necessidade ser muito importante para obter a libertação, há que responder ainda como se passa da escravidão para a liberdade.

Lembro-me quando dei este estudo a uma família pela primeira vez. Expliquei muito cuidadosamente o problema, como fizemos até aqui nesta publicação. Uma vez completada esta fase do estudo fizemos uma pausa.

A esposa disse: “sabe, ouvimos um sermão precisamente igual a este há algumas semanas.”

“É verdade” disse o marido. “O pregador apresentou o problema tal como fez aqui. Estive sempre com atenção a tudo o que ouvi, pois queria compreender o problema e a sua solução. Sabia que estava em *Romanos* sete e desejava obter libertação dessa experiência. Mas quando tinha acabado de apresentar o problema, ele sentou-se. Na minha ansiedade para conhecer as respostas que ele ainda não tinha dado, levantei-me e disse: 'pastor, falou-nos do problema. Agora por favor diga-nos a solução. Diga-nos como obter a libertação deste poder.'”

“Perante isto, o pastor levantou-se novamente e muito triste disse: 'lamento, mas não lhe posso dizer, pois eu próprio ainda não encontrei a resposta.' Fiquei tão desapontado que não pude dizer mais nada e voltei a sentar-me muito triste.”

Por um momento o homem ficou a pensar na experiência passada. Em seguida voltou-se para mim e disse: “vai também trazer-nos o problema e deixar-nos sem a solução para ele?”

Fiquei tão contente por lhe poder dizer que tínhamos parado só por uns momentos e que a solução seguir-se-ia na verdade em termos muito claros. Do mesmo modo, aqui nesta publicação, não vos deixaremos só com o problema. Mostraremos a solução em termos claros e eficazes.

O evangelho é a solução. É o poder de Deus para salvar do pecado.

Bem podíeis perguntar, então, porque é que não fostes salvos do pecado, se o evangelho é o próprio poder de Deus dado com o propósito de efectuar essa libertação. A resposta é que o evangelho não é o poder de Deus para todos.

Lede *Romanos* 1:16 cuidadosamente para ver isto. Deve ser visto que Paulo não diz: “Pois não me envergonho do evangelho de Cristo; pois é o poder de Deus para a salvação de todos.” Embora Paulo usasse estas mesmas palavras pela mesma ordem que aqui estão, ele não disse o que estas palavras dizem se pararmos aqui. O que ele disse foi que o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo “aquele que crê”. E isto é o que faz toda a diferença no mundo. O evangelho é, para o incrédulo tantas palavras bonitas, mas, para o crente, é o poder de Deus para a salvação do pecado.

O apóstolo João repetiu as mesmas verdades nas seguintes palavras: “E esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.” *1 João* 5:4.

Se hoje alguém perguntasse a um comum professo filho de Deus “tem fé?”, receberia respostas prontas, a maior parte para o efeito que a pessoa se sente segura de realmente ter fé. Num certo sentido, a resposta está correcta, porque a pessoa tem fé na Bíblia como a Palavra de Deus. Tem fé em Deus de que Ele é o Ser Supremo. Tem fé para crer que o pecado receberá a sua punição e que apenas em Jesus se pode encontrar a salvação.

Mas, pode alguém ter fé em todas estas coisas e ainda assim não ter fé no evangelho como o poder vivo do Deus vivo para o salvar do pecado? É seguro dizer que alguém que esteja ainda na experiência de *Romanos* sete, não tem aquela fé que é a vitória que vence o mundo. A fé não traz só a vitória. Ela é a vitória. Portanto, se tendes a fé da qual Paulo fala em *Romanos* e João na sua epístola, então é certo que não estareis na experiência de *Romanos* sete, mas sim na liberdade de *Romanos* oito.

É desta fé que Jesus falou, quando disse: “Quando o Filho do homem vier, porventura encontrará fé na terra?” *Lucas* 18:8. A fé deste tipo que traz libertação do cativo do pecado não é a mais comumente possuída no mundo hoje. Jesus sabia que seria assim e foi por essa razão que fez a pergunta acerca do que queria dizer quando disse que não esperava encontrar muito deste tipo de fé quando viesse.

Contudo, sem esta fé, a vitória é impossível. Por conseguinte, deve tornar-se bastante claro como exercer essa fé. Vejamos a história do homem nobre que foi de Cafarnaum para ir ter com Jesus a fim de Lhe pedir a cura do seu filho.

“Segunda vez foi Jesus a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho. E havia ali um régulo, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum. Ouvindo este que Jesus vinha da Judeia para a Galileia, foi ter com Ele, e rogou-lhe que descesse, e curasse o seu filho, porque já estava à morte. Então Jesus lhe disse: Se não virdes sinais e milagres, não creereis. Disse-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse, e foi-se. E, descendo ele, saíram-lhe ao encontro os seus servos, e lhe anunciaram, dizendo: O teu filho vive. Perguntou-lhes pois a que hora se achara melhor; e disseram-lhe: Ontem às sete horas a febre o deixou. Entendeu pois o pai que era aquela hora a mesma em que Jesus lhe disse: O teu filho vive; e creu ele, e toda a sua casa. Jesus fez este segundo milagre, quando ia da Judeia para a Galileia.” *João* 4:46-54.

O que este homem buscava era a cura física para o seu filho que estava tão doente que não se esperava que vivesse muitas horas mais. Evidentemente os médicos terrestres tinham desistido do seu caso, havendo feito tudo ao seu alcance para o salvar.

Embora esta seja uma história a respeito do exercício da fé para obter uma cura física, tem lições de valor directo para nós respeitante à cura da enfermidade espiritual. De facto, o propósito mais profundo da obra de Cristo ao curar as doenças físicas, era revelar o Seu poder para salvar do poder do pecado e a forma de receber a libertação das enfermidades espirituais. Se vemos Cristo apenas como alguém que tinha poder para curar a lepra, a paralisia e outras

doenças semelhantes, então falhámos em ler a verdadeira mensagem do Seu ministério de cura. Na Palavra de Deus, a enfermidade é um símbolo do pecado. Vede *Isaiás* 1:4-6. Além do mais, é um símbolo muito válido e adequado para o pecado também.

Comparai o que já estudámos acerca do problema do pecado, com o problema da doença. O homem doente tem uma mente e tem um corpo que é o seu instrumento. Nessa mente ele deseja fazer certas coisas, mas a enfermidade é um poder que habita na sua carne e domina-a de modo que não pode fazer as coisas de que gostaria. Somente depois da doença ter sido destruída nele pode ter esperança de fazer as coisas que gostaria de fazer. Que ilustração mais perfeita podíeis obter para ilustrar a tríplice natureza do problema do pecado do que o problema da doença? Dificilmente podia haver outra.

Portanto, quando o nobre viajou de Cafarnaum para Caná a fim de buscar o auxílio de Cristo, procurava uma solução que é semelhante ao problema do pecado. Ele necessitava da remoção do senhor da doença de dentro do próprio corpo do filho exactamente como necessitamos da remoção do senhor do pecado dos nossos corpos.

Sem dúvida que ele se dirigiu à única Pessoa capaz de ajudá-lo e era Jesus. Ele veio pedir aquilo que o Senhor desejava que ele tivesse. Portanto, veio pedir à Pessoa certa a coisa certa. Mas Jesus recusou-se a honrar o pedido. Esta recusa não foi porque Jesus escolhesse assim, ou porque esse homem não estivesse no favor de Deus. Cristo não o fez porque a maneira como o nobre se aproximou d'Ele tornou impossível a Cristo curar o seu filho.

Quantas vezes temos ajoelhado em oração para pedir perdão por um pecado e rogado ao Senhor que nos dê a vitória sobre esse pecado e contudo verificamos que o pecado ali continua como se nunca tivéssemos orado. Temos falhado em compreender que apesar de termos pedido aquilo que o Senhor deseja dar-nos não o temos pedido com a verdadeira fé. Assim este homem teria seguido o seu caminho e encontraria o seu filho morto em casa se não conseguisse ver o erro na forma como se aproximou de Cristo e corrigido isso de acordo com a verdadeira ciência da oração. Foi quando veio crendo que a sua oração fora ouvida e respondida.

Jesus não deixou este homem na ignorância quanto à sua falta de fé. Jesus disse-lhe com tristeza. "Se não virdes sinais e milagres, não creereis." *João* 8:48. Dizer a este homem, "não creereis", é dizer, na linguagem mais clara possível, ainda não crês; continuas a ser um incrédulo.

Porém, não esqueçam o facto que este homem conhecia a sua grande necessidade. Vós também conheceis isto. Ele sabia que nenhum poder na Terra podia curar o seu filho. Semelhantemente, vós sabeis que nenhum poder na Terra pode salvar-vos do pecado. Este homem apresentou a Cristo o seu pedido. Também vós, do mesmo modo, tendes abordado Cristo com o vosso pedido para ser salvos dos vossos pecados. Este homem orou a Cristo, porque a apresentação de um pedido a Cristo é uma oração. Também vós tendes orado a Cristo muitas vezes.

Contudo, Cristo disse-lhe muito claramente que apesar de tudo isso ele era um incrédulo. Cristo não podia fazer nada por ele naquelas circunstâncias.

Isto é dizer que, depois de terdes feito tudo quanto fizestes a fim de obter a vitória sobre os vossos pecados ainda vos encontráeis em *Romanos* sete, então, também sois um incrédulo. Se sois um incrédulo, necessitais de compreender o caminho da fé, a fé que opera pelo amor e purifica a alma.

Como se dirigiu este homem a Jesus? As palavras que Cristo lhe disse dão-nos a resposta. "Se não virdes sinais e milagres, não creereis." Por outras palavras, o homem dirigiu-se a Jesus com o seu pedido. Colocou esse pedido perante Cristo. Depois esperou para ver se Cristo podia satisfazer o seu pedido. Se Ele pudesse e acedesse ao seu pedido, então o homem sentia que por seu lado creia em Jesus Cristo.

Este não é o caminho da fé salvadora e nunca poderá ser. Contudo, se cada um de nós, com a maior sinceridade, examinasse de novo a maneira em que nos temos aproximado de Deus em oração, verificaríamos que temos vindo exactamente fez o nobre. Temo-nos aproximado do Senhor e pedido para nos abençoar. Depois temos seguido o nosso caminho, esperando ver a bênção derramada antes estarmos preparados para crer que temos o dom prometido. De facto, seria seguro dizer que se o Senhor nos desse realmente a bênção que pedimos ficaríamos surpreendidos por ver que ela fora dada.

O grande momento da verdade tinha chegado para aquele homem, como também tem que chegar para nós se tivermos de experimentar a fé salvadora. Quando o Senhor nos fala com palavras de reprovção, então o Espírito de Deus como Aquele que convence do pecado, introduz profundamente essas palavras na consciência para nos revelar os defeitos de carácter. Por isso, as palavras de Cristo foram suficientes, sob o ministério do Espírito, para revelar a esse homem o tipo de incredulidade que reinava no seu coração. Quando viu o que o Salvador tinha para lhe revelar, deve ter aceitado a reprovção. Deve ter compreendido o poder que viu revelado na vida de Cristo, a sua fé deve ter-se agarrado a esse poder porque a resposta do Salvador à oração que ele fez a seguir foi muito diferente da primeira.

O homem procurou Jesus com estas palavras: “Senhor, desce antes que meu filho morra.”

Existe uma diferença nesta oração. Talvez não seja possível discernir a diferença nas próprias palavras da oração, mas sabemos pela resposta divina que existe uma diferença. A primeira oração apenas trouxe uma dolorosa repreensão, a segunda trouxe a libertação. Qual é a diferença? A diferença é que o homem era agora um crente. Sabemos isso porque as Escrituras assim o dizem, “e o homem creu na palavra que Jesus lhe disse, e foi-se”. Versículo 50.

Caná não estava a uma grande distância de Cafarnaum. Não seriam mais do que vinte e cinco quilómetros. Cristo disse as palavras ao pai à hora sétima, que é cerca da uma hora da tarde, por isso o pai facilmente podia ter feito o caminho de regresso a casa nessa mesma tarde, contudo não o fez. Mas tê-lo-ia feito se necessitasse de ver com os seus próprios olhos que o filho estava na verdade curado.

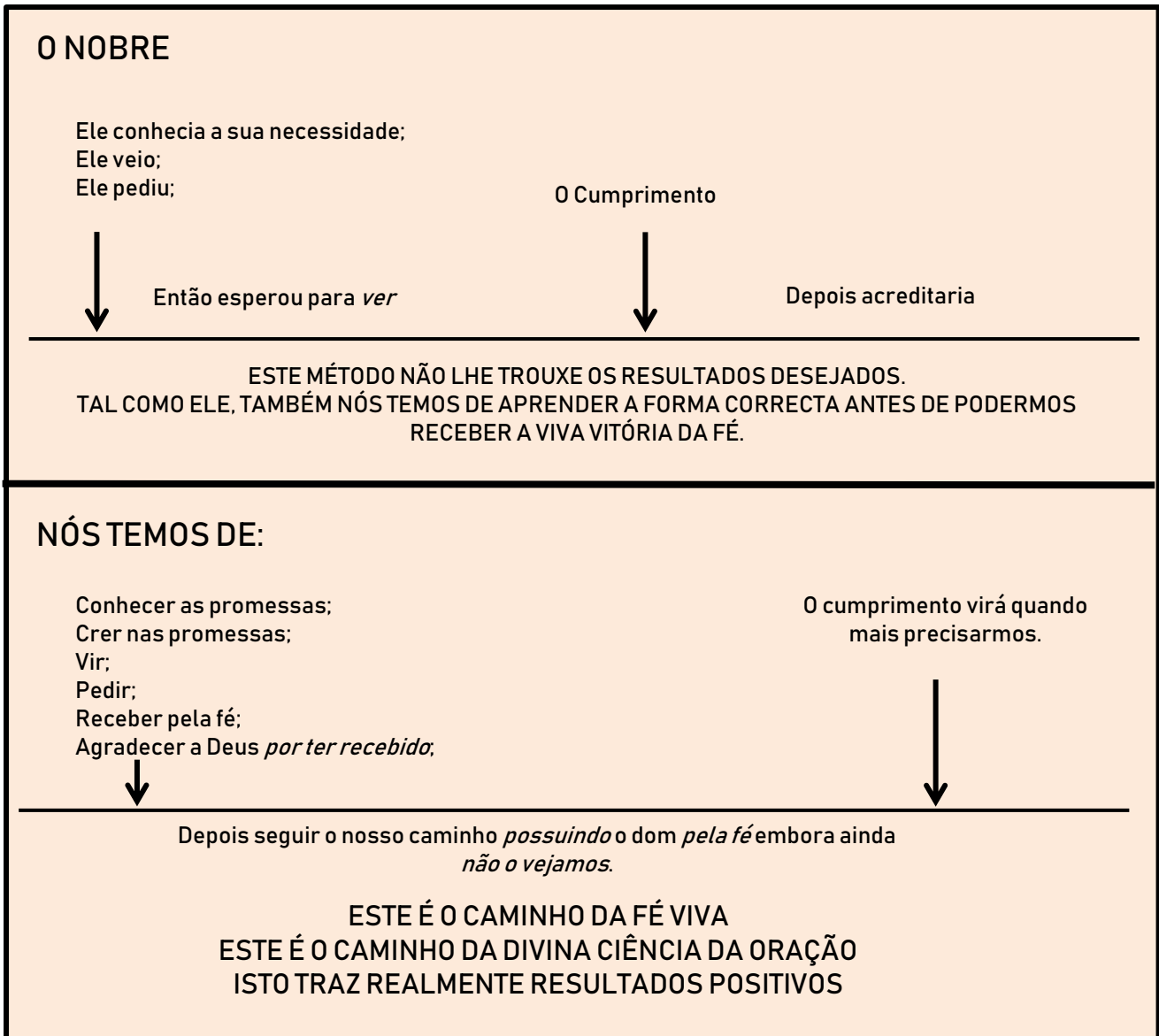
Ele sabia que o filho estava bem. Pouco tempo depois de chegar a casa no dia seguinte, os seus servos disseram-lhe aquilo que a fé lhe tinha dito no dia anterior. Sem dúvida eles ficaram surpreendidos pela ausência de qualquer surpresa na sua resposta ao que lhe transmitiam.

Comparai agora a mudança que houve na abordagem do homem a Cristo. É a comparação do crente com o descrente. No segundo exemplo, ele tem um vislumbre do poder que habita em Jesus como Filho de Deus. A sua fé toma posse desse poder ao ver nele a resposta completa à sua necessidade. Em seguida pede o dom, agarra-o pela fé, sabe que já é seu e depois segue o seu caminho sabendo que essa bênção, que ele já possui, será realizada quando dela mais necessitar.

Nisto é-nos revelada a fórmula para o triunfante caminho da fé.

Primeiramente, devemos ter um conhecimento exacto do problema que enfrentamos. Quantas vezes no passado vos tendes apresentado a Deus rogando o perdão pelo que fizestes, sem reconhecer o verdadeiro problema e pedir a remoção dessa lei do pecado que está nos vossos membros? Tem havido uma grave deficiência na compreensão de que estamos realmente a tratar do problema do pecado, uma deficiência que deve ser compreendida antes de podermos orar com inteligência e sucesso.

Em segundo lugar, temos de conhecer as promessas de Deus de maneira a não serem apenas meras palavras da Bíblia, mas que sejam o próprio poder de Deus para nós. Para isto elas devem ser lidas e estudadas até serem absorvidas pelo nosso pensamento ao ponto de se tornem uma parte de nós próprios.



No entanto, quantas vezes tenho estado perante grupos de professos cristãos e lhes tenho pedido para me repetirem as grandes promessas da Bíblia a respeito da vitória pessoal sobre o pecado, descobrindo que eram incapazes de o fazer. Para aqueles que desejam ter e manter uma vitória pessoal sobre o problema do pecado, estas promessas têm que se tornar uma parte viva da própria pessoa. Elas têm que estar ali, na pessoa, prontas a brotar dos lábios em resposta a qualquer ataque do inimigo ou a qualquer sugestão para duvidar do poder de Deus para salvar do pecado.

Não procuraremos dar algo como uma extensa lista de todas as grandes promessas na Bíblia porque são tão numerosas quanto eficazmente poderosas para salvar da lei do pecado e da morte. Cada pessoa devia procurá-las por si própria. Aqui estão alguns exemplos para os que desejam iniciar uma colecção destas cápsulas de poder.

“O pecado não terá domínio sobre vós.” *Romanos 6:14*: Lede estas palavras até compreenderdes que são a promessa pessoal de Deus para vós de que o pecado não terá domínio ou controlo sobre vós.



O homem fez tremendas conquistas sobre o seu ambiente, mas a vitória que ele mais precisa de aprender, é a conquista sobre si próprio.

“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” *1 Coríntios* 10:13. Da mesma maneira que um pai nunca permitirá que o seu filho enfrente perigos demasiado grandes para a sua tenra idade, assim o Senhor nunca permitirá que venha sobre vós uma tentação demasiado forte para poderdes suportar. Para toda a tentação que vos assedia, Ele proveu um escape, de modo que, não existe qualquer tipo de desculpa para o pecado. Nós podemos “todas as coisas em Cristo que nos fortalece.” *Filipenses* 4:13.

Assim poderíamos continuar, mas é melhor que cada um procure as promessas por si mesmo. Aqui estão as referências para mais algumas: *Mateus* 1:21; *João* 8:36; *1 Coríntios* 15:34, 57; *2 Coríntios* 2:14; *Gálatas* 3:14-21; *Filipenses* 1:16; *1 Tessalonicenses* 4:3; 5:23, 24; *1 Pedro* 1:15; *2 Pedro* 1:4; e *Judas* 24. No Velho Testamento, *Salmos* 23 e 46 são particularmente boas promessas do poder para a libertação. Absorvei também o poder em *Ezequiel* 11:19, 20; 36:26.

O grande objectivo do conhecimento das promessas é construir fé que opere a purificação da alma. Quanto mais forem lidas e estudadas e tornadas parte integrante de vós próprios, mais elas construirão a fé na experiência, até chegar uma altura em que vos encontrareis possuídos do poder e experimentando aquela libertação que unicamente esse poder pode trazer. A fé não é algo que tenhamos naturalmente. Não é algo que possamos gerar em nós próprios. É impossível. “A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus.” *Romanos* 10:17.

Quando chega o momento em que a fé viva verdadeiramente se apodera e crê nas promessas de Deus, então é altura de dar o terceiro passo. Isto é vir a Cristo e pedir a bênção. Não oreis a velha oração que por tanto tempo tem falhado em trazer sucesso. No passado o modelo de oração tem sido, “Senhor, pequei. Por favor perdoa-me esse pecado e ajuda-me a não mais tornar a cometê-lo.”

Esta aproximação a Deus não vos trouxe a vitória no passado e nem vos trará no futuro. Tem de haver uma mudança, da mesma maneira que o nobre teve de mudar a sua maneira de se aproximar de Cristo. Em vez disso, deveis agora orar segundo estas palavras. “Senhor, cheguei ao lugar onde vejo que o verdadeiro problema está nesta natureza má que está dentro de mim. É o poder ‘do pecado’, a ‘lei do pecado e da morte’, o ‘corpo de morte’, a ‘inclinação carnal’ e o ‘coração de pedra’. Enquanto isso estiver em mim, sou uma árvore má e unicamente poderei produzir frutos maus, porque o meu corpo está sob controlo desse poder. Senhor, prometeste tirar o coração de pedra e dar-me um coração completamente novo. Eu creio absolutamente que o farás e por consequência Te entrego este velho coração. Tira-o de mim. Eu não o quero. Depois, no seu lugar põe um coração completamente novo. Torna-me participante da Tua própria natureza divina. Pela fé e, portanto, de facto, eu recebo esta bem-aventurança e te agradeço. No nome Salvador de Jesus, Amém.”

Se a fé viva se tornou posse vossa, então, não esperareis desta vez para ver a bênção, antes de saberdes que a tendes. Sabereis aí e nesse momento que fostes libertos, que o pecado já não tem domínio sobre vós e que vos tornastes por fim um verdadeiro filho de Deus. Resisti a todo o custo à tendência da natureza humana em querer esperar para ver o resultado antes de crerdes. Não espereis para sentir que fostes transformados. Crede porque a Palavra de Deus assim o diz e muito em breve verificareis que assim é.

O nobre não esperou para ver o filho vivo e bem antes de poder crer que ele estava completamente curado. Não necessitou de vê-lo, pois tinha a Palavra de Deus através de Cristo de que assim era e isso foi o suficiente. A fé repousa na Palavra de Deus e não na vista ou sentimento, que pode mudar tão facilmente de dia para dia. Portanto, para compreenderdes onde estais no que respeita à relação com Deus, olhai para a Palavra de Deus e deixai que ela seja a vossa resposta e não o sentimento.

O Meu Testemunho

O apóstolo João declara: “Aquilo que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão connosco.” *1 João* 1:3. Os que melhor podem ajudar os seus semelhantes são os que podem testemunhar acerca da sua própria experiência pessoal. Eles podem falar a respeito daquilo que sabem e não de uma mera teoria daquilo que poderia ser. Por isso, desejo contar como isto aconteceu na minha vida, como uma certeza para outros de que este é um caminho testado e provado que conduz ao sucesso. Existem muitas outras pessoas espalhadas pelo mundo, que já ouviram a mesma apresentação e desde então podem contar as mesmas histórias de sucesso por esta mensagem.

Em 1953, juntei-me aos quadros de um colégio missionário como professor. No ano seguinte fui eleito pastor da igreja. Amava a igreja e tornei-me empenhado nas suas actividades. Compreendia e amava as doutrinas e pregava a mensagem com zelo e entusiasmo. Acreditava estar tão seguro da salvação como qualquer outro podia estar e repousava dia após dia na esperança da vida eterna.

Eu gozava de uma boa reputação e vivia uma vida “boa”, mas, interiormente tinha problemas sobre os quais não conseguia ganhar a vitória. Era professor de carpintaria e parecia-me que os alunos que não eram bons em assuntos teóricos eram transferidos para esta classe. Alguns desses rapazes desenvolveram uma forte resistência à aprendizagem até que, a aula se tornou uma cena de batalhas diárias entre os meus esforços para os ensinar e os deles para resistir à aprendizagem.

A minha paciência era provada para além dos limites, de modo que, a minha fúria se acendia contra eles. Havia alturas em que me apetecia bater com as suas cabeças contra a parede. Mas havia uma força limitadora que me impedia de o fazer. Eu tinha uma boa reputação a preservar. Não queria ser repreendido pelo director ou pela comissão, por isso refreava a minha ira e mantinha-a em sujeição de tal maneira que dificilmente se notava exteriormente.

Se pegardes numa caldeira a vapor e acenderdes debaixo dela um fogo vivo, com todas as saídas tapadas, é certo que aguentará algum tempo. Mas a pressão interna irá aumentando cada vez mais. Se o fogo fosse apagado por algum tempo, a pressão desceria, não se dando nesse caso a explosão, mas se o fogo fosse novamente ateado e mantido, chegaria uma altura em que a caldeira iria pelos ares. Quanto mais tempo resistisse ao aumento da pressão, maior seria a explosão no fim.

Assim se passava comigo. Como a pressão da tentação que estava sobre mim durante a semana inflamava a minha ira dia a dia, eu fechava todas as saídas de modo que a ira interior não podia escapar. Mas apesar disso estava lá, de modo que chegaria a altura em que explodiria. Quanto mais tempo fosse contida maior seria a explosão no fim. Geralmente vinha durante o fim-de-semana, quando estava em casa. Então, a minha esposa e filhos eram o objecto da ira que outros tinham gerado.

Depois de todas as palavras desagradáveis terem sido ditas e toda a pressão desaparecia, sentia-me culpado e com remorsos. Ia junto do Senhor e suplicava o Seu perdão e prometia sempre sinceramente que não o tornaria a fazer. Com firme e corajosa determinação voltava para a sala de aula, apenas para verificar que todo este processo se repetia. De novo a atitude para dos rapazes acendia a minha ira. Novamente eu fechava todas as saídas. Outra vez havia o desenvolvimento de uma explosão. Mais uma vez havia o arrependimento e a súplica do perdão. Em seguida mais outro fracasso.

Eu estava a tentar e falhar, pecando e arrependendo-me, pecando e arrependendo-me repetidamente. Era sem dúvida a experiência de *Romanos* sete. Não me compreendia a mim próprio e o livro de *Romanos* parecia-me o livro da Bíblia mais difícil de compreender. Procurei as respostas. Ouvei outros pregadores para ver o que tinham a dizer a respeito do assunto, mas,

em toda a parte era evidente que mesmo os mais altos dirigentes da igreja estavam a experimentar a mesma frustração que eu.

Então estabeleci uma filosofia protectora que racionalizava a minha experiência como sendo a experiência dos salvos. Raciocinava eu que, era sincero e zeloso que estava fazendo o melhor que podia e que no grande dia do Juízo o Salvador diria, “Este homem deu o seu melhor, apesar de ter vivido uma vida pecaminosa sobre a Terra. Por isso perdoar-lhe-emos e dar-lhe-emos um lugar no reino.”

Depois chegou um dia em que encontrei um jovem que estava na verdade cheio do brilho de uma nova experiência da libertação. Nada havia sobre o que ele mais desejava falar do que isto. Ao princípio, a sua conversa comigo parecia-me uma linguagem estranha, pois ele falava a respeito de uma experiência e de uma vida da qual eu nada conhecia.

Então subitamente dirigiu-se a mim da maneira mais directa possível. “O senhor sabe o que significa ter a vitória diária sobre todo o pecado conhecido?” Perguntou ele.

Eu ri-me da sua pergunta e disse-lhe incredulamente. “Porquê”, “procurei durante dez anos esse tipo de experiência. Não existe ninguém que tivesse orado mais sinceramente ou tentado mais do que eu para a obter. Ainda estou para encontrar a pessoa que a tenha. Olhe, eu tento o melhor que posso dia após dia. Ao fim do dia peço o perdão pelos meus pecados. Creio que Deus me perdoa e que, no dia da ressurreição Deus aceitará o meu melhor como o melhor possível e creio que serei salvo.”

Nunca esquecerei a sua resposta. Não foi em palavras mas no olhar. A expressão na sua face, claramente disse: “o irmão necessita de auxílio e rápido.” Essa silente mensagem causou em mim uma profunda impressão de modo que quando ele pediu se podia voltar e dar-me um estudo bíblico fui pronto em preparar o encontro.

Suponho que nunca me deram um estudo tão estranho como este. Ele lia-me um texto das Escrituras. Então fazia um esforço para comentá-lo e explicá-lo, mas parecia não encontrar palavras e passava ao texto seguinte para sair da situação. Assim o estudo prosseguiu só com a leitura de texto da Bíblia após texto. Copiei-os fielmente para uma folha de papel.

No fim, argumentei os argumentos da incredulidade e vi-o ir-se embora. Estou certo de que ele foi-se embora desencorajado e inteiramente convencido que eu era um pobre sujeito com quem trabalhar a sua mensagem de libertação.

Passaram vários dias durante os quais o poder daqueles textos das Escrituras trabalhavam na minha mente. Nada de definitivo ou bem definido havia. Fazia-me lembrar a história do cego que começou a ver. “E, levantando ele os olhos, disse: Vejo os homens; pois os vejo como árvores que andam.” *Marcos 8:24.*

Passaram quatro dias. Era quarta-feira à tarde. Vim a casa no intervalo do trabalho e sentei-me com a lista das Escrituras. Comecei a lê-los novamente um por um: “O pecado não terá domínio sobre vós.” “Mas graças a Deus, que nos dá a vitória através de nosso Senhor Jesus Cristo.” “Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar.”

À medida que lia cada texto fazia-o atentamente e devagar deixando que o significado penetrasse profundamente na minha mente. Sei que o Espírito Santo estava ali para iluminar a Palavra da Verdade. Assim, avancei um terço dos textos da lista quando me sobreveio uma tremenda convicção. Até ali tinha acreditado que não podia viver sem pecado. Subitamente, abriu-se à minha mente as terríveis implicações desta crença com uma força impressionante. Vi que se acreditasse que tinha de pecar dia após dia era crer que Satanás era mais forte do que Cristo e o pecado era mais forte do que a justiça. No momento em que compreendi este facto vi que a minha vida não tinha sido um testemunho do poder de Deus mas sim do poder de Satanás. O que fez esse testemunho estar muito mais do lado de Satanás era o facto que eu defendia a posição e mantive a profissão que tinha.

Agora o Espírito de Deus era realmente capaz de operar. De repente, vi tudo aquilo em que sempre tinha confiado como uma evidência de que era um filho de Deus ser arrebatado de mim — o meu conhecimento, o meu zelo, a minha posição, o meu amor pela verdade como eu a compreendia. Tudo isto agora nada significava no que respeita a segurança. Vi-me a mim mesmo como Deus me via — desesperado, sem esperança, perdido, eternamente condenado.

De alguma maneira, e eu não sei como, o Senhor deu-me a pura honestidade para admitir que tudo isto era verdade. Eu não recuei e argumentei que era um pastor da igreja, um professor do colégio, um homem conhecedor das Escrituras, um pregador, um homem de boa reputação e de honesto zelo pela causa da verdade. Eu agradeço ao Senhor por isto e rogo a todos os leitores quando chegar o terrível momento da verdade, a enfrentem e a aceitem tal como ela é, porque, se sufocardes as convicções que o Espírito Santo vos trouxe, fechareis as portas a qualquer obra da graça posterior por vós. Isso seria eternamente desastroso.

O Senhor nunca faz a ferida senão para a curar depois. Naquele preciso momento em que me vi a mim mesmo como um pecador desesperadamente perdido e aceitei a veracidade de tudo isso, o Senhor abriu perante os meus olhos as promessas como nunca as tinha visto antes. Era como se tivessem sido escritas pessoalmente para mim. Fé viva brotou no meu coração, visto que possuía o poder na Palavra Viva. Prostrei-me em oração junto à cadeira e orei uma oração diferente pela primeira vez na minha vida: “Senhor, vejo agora que o problema não é aquilo que tenho feito, mas sim, o que sou. Esta vida má em mim é a fonte do problema. Semelhantemente a uma doença, é o senhor do meu corpo, de modo que não posso fazer aquilo que desejo e que sei que deveria fazer. Aqui está esta velha vida; remove-a e dá-me a Tua nova vida para o lugar da antiga. Senhor, agradeço-ta no nome salvador de Jesus, Amen.”

Levantei-me dos meus joelhos. Por todo o meu ser havia uma consciência de que tinha nascido de novo. Não era um sentimento. Não senti qualquer diferença. Era antes uma convicção. Era o testemunho da fé baseada na Palavra de Deus. Era a mesma consciência que levou o nobre a dirigir-se para casa sem pressa pois ele sabia que o seu filho estava curado. Não havia necessidade de se apressar para ver. Ele já o sabia. Assim, eu sabia-o também e sabia-o naquela altura. O ver visualmente viria mais tarde, como foi com o nobre.

Naqueles dias possuíamos um imprevisível Ford modelo A. A minha esposa levava-o frequentemente à cidade, mas nem sempre conseguia trazê-lo de volta. Havia alturas em que recebia uma chamada telefónica sua dizendo-me que estava em dificuldade. Deixar o meu trabalho para ir ajudá-la era por vezes muito inconveniente e, antes do dia da minha libertação irritava-me e aborrecia-me com isso. Também lhe dizia isso com palavras irritadas e impacientes. Por causa de todos estes problemas, o nosso casamento caminhava para a destruição. Depois de tudo se ter passado, sentia-me triste pelo meu procedimento e confessava-o e determinava que não voltaria a acontecer. Lembro-me perfeitamente do dia em que recebi a habitual chamada telefónica e recordei a mim próprio que tinha decidido proceder com paciência e amavelmente. Tudo correu bem durante alguns minutos. Então, a chave resvalou e eu esfolei os nós dos dedos. A ira ressurgiu e em breve se seguiu a torrente de palavras. Um sentimento de “para quê?” caiu sobre mim. Conduzi o carro até casa, silencioso e derrotado e incapaz de me compreender a mim próprio.

Quando o dia da libertação chegou, não senti qualquer diferença dentro de mim. Por essa altura não houve qualquer pressão em particular sobre mim. O fogo causador da febre não estava presente, pois eu estava de férias e tudo corria maravilhosamente de dia para dia. Então numa sexta-feira à tarde, quando uma vez mais a minha mulher tinha saído com o carro, recebi a habitual chamada telefónica de dificuldade vinda da povoação a cerca de quatro quilómetros.

Sem pensar como haveria de me comportar, fui ter com ela o mais rapidamente possível, tentei reparar a avaria e, incapaz de o por a funcionar, mandei a minha esposa para casa com um vizinho que casualmente ali passava. Finalmente o carro teve que ser rebocado. Em

seguida, fui para casa para jantar. Mais tarde, assistimos ao culto da tarde na capela, depois do que viemos para casa para dormir.

Estava já quase a dormir. A minha esposa estava muito calada ao meu lado, como se estivesse a pensar. Dei pouca atenção a isso, até que, repentinamente ela me disse, “O que é que te aconteceu?”

Não tinha a mínima noção do que é que ela estava a referir-se e pedi que me explicasse. Respondeu-me dizendo, “Algo te aconteceu e quero saber o que foi.”

Novamente lhe disse que não sabia do que estava a falar e pedi que me explicasse.

“Esta tarde, esperei junto do carro pelas habituais zangadas acusações quando chegaste. Mas em vez disso, simplesmente fizeste o que podias e então mandaste-me para casa. Fiquei contente por me ir embora, mas disse a mim própria que quando chegasses a casa, então te exaltarias comigo. Porém, quando chegaste, também não disseste nada. Então pensei que seria quando acabássemos de jantar, mas uma vez mais continuaste calmo e imperturbado. Por fim concluí que desta vez tinhas conseguido dominar a tua ira, mas quando chegaste a casa fatigado no fim da reunião e nos deitámos, pensei que seria nessa altura. Todavia, nada aconteceu até agora. Alguma coisa te aconteceu e eu quero saber o que foi.”

Foi então que a evidência visível estava perante mim, da grande mudança que se tinha operado no meu interior. Subitamente compreendi que durante todo este acontecimento eu tinha agido como a pessoa que agora era, da mesma maneira que anteriormente tinha agido como a pessoa que havia sido. Enquanto, anteriormente, a minha reacção natural era de impaciência e irritação, agora, era de paz e paciência. A maravilha de tudo isto tanto me impressionou, que fui incapaz de lhe responder, ao passo que no meu coração brotou o testemunho de minha própria alma, “Isto é obra do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos.” *Salmos 118:23.*

Caro leitor, quando chegardes ao lugar onde conheceis dentro de vós mesmos esta maravilhosa transformação interior e vedes o resultado duma reacção diferente às pressões da vida, então conhecereis e compreenderéis como eu me senti naquele momento. Foi maravilhoso e abençoado, para dizer o mínimo na verdade.

Muitos anos passaram desde então. Alegro-me por isso, pois têm sido anos em que o poder desta verdade tem sido testado nas batalhas da vida. Lamento não poder declarar nunca ter pecado durante esse tempo, mas posso alegrar-me por testemunhar do precioso facto que a mensagem ainda opera como operou naquela altura. Todas as vezes que pequei foi sempre por culpa minha. Tenho tido falta de fé, sido descuidado em manter ligação com o poder de Deus ou qualquer outra coisa do género. A falta nunca foi da verdade de Deus.

Mas a vida tem sido tão diferente desde aqueles dias de derrota. Nessa altura era uma contínua repetição das mesmas lutas contra os mesmos pecados nunca saindo do círculo do pecar e confessar a respeito do mesmo problema ano após ano. Agora aquelas coisas foram deixadas para trás ao passo que a obra da vitória avançou para novas áreas à medida que brilha cada vez mais luz. O livro de *Romanos* já não é um mistério. É um prazer lê-lo agora porque posso compreender o que Paulo estava a dizer.

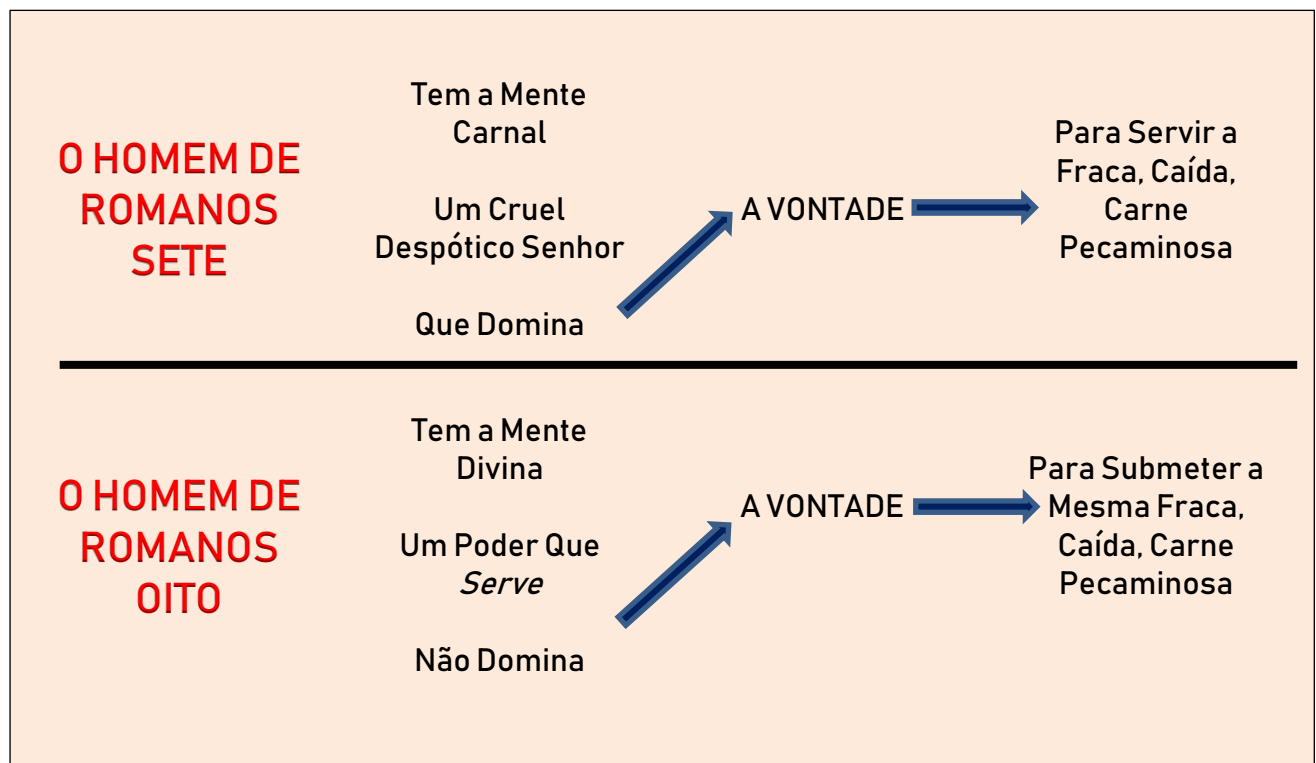
Parte 3 – Depois do Renascimento

Não de Cativo para Cativo

É necessário dar nesta altura uma explicação a fim de desfazer uma impressão errada que muitos têm adquirido das verdades apresentadas até aqui nesta publicação. Quantas vezes as pessoas me têm dito quando lhes leio as verdades de Deus que a velha natureza tem que ser removida e uma nova tomar o seu lugar, que “isso significa que não mais se pode pecar. Que isto significa que podíeis ir directamente para o Céu.”

Não significa tal coisa porque, não passamos de cativo para cativo mas sim, do cativo para a liberdade. A pessoa que está sob o controlo da natureza má não está livre para fazer as obras da justiça, o cristão, pelo contrário, está livre para pecar se desejar. Um breve estudo das diferenças entre os dois senhores tornará isto claro.

Na situação descrita em *Romanos sete*, a pessoa tem dentro de si a mente carnal que é um despótico senhor cujo poder ultrapassa grandemente o poder da vontade do indivíduo. Este senhor governa sobre a vontade a fim de servir a todos os desejos da carne pecaminosa e usar essa carne como um instrumento de injustiça. Estudai cuidadosamente o diagrama abaixo a fim de verdes esta verdade.



O homem de *Romanos* 8 não tem a inclinação carnal. Ele tem a mente divina, a própria mente de Cristo. Foi criado de novo e tem um novo senhor em lugar do antigo. Existe uma diferença vital entre as naturezas destes dois senhores. A mente carnal é um despótico senhor que governa pela força. Mas Deus não governa pela força. Ele governa pelo amor. Deus nunca obriga a pessoa a servi-l'O. Ele chama, convida, oferece, mas nunca usa a força. Por conseguinte, a menos que a pessoa faça uma escolha pessoal e clara de servir a Deus, nunca O servirá. Quão diferente é isto da maneira de Satanás governar. Uma vez que ele vos tenha sob seu poder, servi-lo-eis quer queirais quer não.

Quando Jesus veio a esta Terra, disse, “o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos.” *Mateus* 20:28. Este é o grande princípio da vida de Cristo e do Seu Pai. Portanto, a mente divina é um servo que serve a vontade a fim de subjugar e controlar a natureza humana caída e pecaminosa da pessoa.

Isto não é dizer que o cristão nascido de novo pode usar a mente divina como um servo, porque não é assim. Pelo contrário, esse maravilhoso poder está ali, para servir a vontade, sempre que essa vontade seja exercida com o fim de obedecer ao convite de Deus para guardar os Seus justos mandamentos.

Em Termos Práticos

A fim de tornar a situação perfeitamente clara temos apenas que descrever a operação de tudo isto, primeiramente no caso do homem em *Romanos* sete e depois do homem de *Romanos* oito. O homem de *Romanos* sete tem tentações de Satanás que apelam aos desejos ou fraquezas da carne. Na sua mente, o homem sabe que isto está errado. Ele toma uma clara decisão de não os cometer e envia ao corpo as instruções de como agir neste caso.

Mas a mente carnal é o verdadeiro senhor deste homem. Este poder nele, agora domina a cena a fim de tornar completamente ineficaz a vontade desse homem, de modo que, os desejos da carne não são mantidos em sujeição e transformam-se em pecado declarado. Portanto, é claro que nesta situação a mente carnal é o centro de controlo.

No caso do homem de *Romanos* oito a situação é diferente. Uma vez mais, vêm as mesmas tentações a essa mesma carne. Uma vez mais a mente é chamada a tomar uma decisão com respeito ao que se fará perante a tentação, porque cada tentação é um ponto de escolha. Se a mente agora decidisse muito claramente que não haveria rendição à tentação, então, desde que essa decisão seja tomada na absoluta fé de que o poder de Deus nele e o poder de Deus de cima se combinarão para tornar essa decisão eficaz, então esses poderosos poderes levantar-se-ão a fim de servir a vontade tornando essa decisão positivamente vitoriosa. A carne será mantida sob perfeito controlo e os males do pecado não aparecerão.

Não é exagero dizer que é a fé que dá a vitória. O centro de controlo foi transferido da mente carnal para a vontade, mas, essa vontade apenas pode ser eficaz se exercer a sua força na fé de que o Senhor tornará a decisão efectiva. Esta fé envolve a confiança no conhecimento do poder e na certeza de que Deus o fará. Qualquer que, tendo nascido de novo, pense que agora tem em si próprio força suficiente para resistir ao poder do pecado, certamente cairá sob a tentação porque, “o justo viverá pela fé.” *Romanos* 1:17.

Manutenção

Portanto, conclui-se que existe uma real necessidade de manter a viva experiência que foi obtida. “O justo viverá pela fé.” *Romanos* 1:17, mas a fé pode morrer pouco a pouco e ser perdida. Por isso, necessita não só de ser mantida, mas desenvolvida e fortalecida. A fé é uma

coisa viva, e, a menos que as coisas vivas estejam continuamente crescendo, certamente morrerão.

Por isso é que tem de haver diariamente uma nutrição na Palavra de Deus. A entrada nesta experiência de libertação do poder do velho senhor, é chamada na Palavra de Deus, “o novo nascimento.” É por esta razão que um novo cristão é chamado “um bebé recém-nascido.” Um bebé recém-nascido, apenas começou a longa jornada da vida e necessita logo de alimento, para que possa desenvolver-se em tudo até à perfeita maturidade de homem ou mulher. Assim, ele deseja o leite para a sua nutrição. Por isso, “desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo.” *1 Pedro 2:2.*

A necessidade do novo cristão e também dos mais antigos estudarem a palavra de Deus diariamente não pode deixar de ser recomendada. Porque aí está a força. Sem esta nutrição espiritual diária, a fé irá enfraquecendo aos poucos de modo que caireis com certeza quando as poderosas tentações do inimigo vos assediarem. Caireis, mesmo apesar de terdes dentro de vós o maravilhoso poder de Deus.

Podeis perguntar como pode isto ser possível quando é reconhecido que o poder de Deus é o poder mais forte que existe e é certamente muito mais forte do que o poder do pecado. Se esse poder está em nós, então como pode o pecado ter domínio sobre nós?

Para mostrar o mais claramente possível, como é que a presença do poder de Deus na vida não significa a automática garantia de que nunca mais voltaremos a pecar está perante nós a seguinte ilustração.

Um poderoso exército, como por exemplo, o comandado por César ou Alexandre o Grande, vai para a batalha. Os exércitos que eles comandavam eram no seu tempo os mais poderosos exércitos da Terra e nenhum inimigo ousava enfrentá-los ou desafiá-los. Ao considerar qualquer um destes exércitos, tem que ser visto que existem neles duas divisões — o general que comandava o exército e o poder colectivo do exército que era composto por soldados de infantaria com as suas armas e a cavalaria com os seus carros, cavaleiros e armas. O general sozinho não tem poder em si próprio para começar sequer a ripostar a mais pequena força inimiga que possa vir contra ele. O seu poder é o poder do exército e unicamente quando este é devotado ao seu serviço, pode ele esperar marchar vitoriosamente. Semelhantemente, o exército tem que ter a perícia e a direcção do general para operar com eficácia e sucesso. O general é a vontade do exército e tudo depende da correcta acção dessa vontade se quiser assegurar a vitória.

Suponhamos que um poderoso exército marchou sempre vitoriosamente e nunca conheceu outra coisa senão a vitória em todo o seu percurso. Agora faltava-lhe travar apenas mais uma grande batalha antes de conquistar todo território onde tinha chegado. Um inimigo de tamanho relativamente pequeno estava esperando na base da montanha e era necessário um confronto para assegurar o total controlo da região.

Porém, o general e os seus conselheiros ficaram demasiado confiantes nas suas capacidades, habilidade e poder e decidiram que antes de irem para a batalha, teriam uma grande celebração envolvendo festa, comida e bebida durante toda a noite. Deste modo, o general e os seus principais conselheiros, subcomandantes e oficiais, deixaram o exército no acampamento e devotaram as horas nocturnas às suas festividades, resultando que, pela manhã, estavam todos intoxicados e também virtualmente inconscientes.

Vamos supor que neste momento o inimigo decide fazer um súbito e inesperado ataque sobre o exército. Acordado subitamente pelas sentinelas, o exército enfrenta o inimigo, mas necessita da direcção do general a fim de eficazmente organizar e dispor as suas forças, pois o inimigo é astuto e feroz. Mas nesta altura, na condição em que o general se encontra, ele é

incapaz de tomar uma única decisão e por isso não pode dar uma única ordem, às forças que se encontram sob o seu comando.

De repente, o exército vê-se sem comandante, sem vontade, sem uma inteligência orientadora. Aqui está o mais forte e poderoso exército da Terra, enfrentando um inimigo consideravelmente mais pequeno e fraco e deveria, por conseguinte, ter uma rápida e assinalada vitória, mas sob estas circunstâncias quem ganhará a vitória? A resposta é que o inimigo mais pequeno e mais fraco será o vencedor no campo de batalha.

As partes correspondentes da ilustração dada acima são as seguintes:

- O forte poder do exército é o símbolo da presença do poder de Deus na vida. Este poder é o poder mais forte que existe e não há quem consiga enfrentá-lo.
- O general na experiência de *Romanos 8* é a vontade educada e inteligente.
- O inimigo é a carne não santificada e pecaminosa através da qual Satanás opera para conseguir a queda e a destruição de todo o nosso ser.

Conquanto o exército da Terra possa ser capaz de fazer algo sem a vontade e direcção do seu comandante, o poder de Deus em nós não pode fazer coisa alguma em nosso favor sem a devida acção da vontade. Portanto, se na hora da tentação, falharmos em tomar as decisões certas, e resolutamente dizer “Não!” ao inimigo, então o poder de Deus não pode fazer coisa alguma e seremos vítimas do poder de Satanás através da nossa carne caída.

Isto é algo ainda muito pouco compreendido com o resultado de que demasiadas pessoas verificam que caem sob o poder do inimigo quando as suas vidas deviam ser um constante hino de vitória sobre o pecado. Deve ser dedicado estudo especial, por um lado, quanto ao papel desempenhado pela vontade e por outro quanto ao papel desempenhado pela tendência para o pecado e falsidade da carne caída. Necessitamos, como os santos apóstolos, de confessar a pecaminosidade desta natureza e não pôr na carne seja que confiança for.

A derrota é certa quando a fé é fraca, mas não precisa ser assim. A fé pode ser conservada viva e deve ser conservada viva.

Lembraí que, quando a nova vida é dada, ela é perfeita, tal como um bebé é perfeito quando nasce. Para o bebé crescer nessa perfeição deve ser alimentado e cuidado. O Senhor fornece o alimento mas somos nós que temos de alimentar o bebé. Deus não alimenta automaticamente a criança dia a dia. Essa é a tarefa dos pais humanos. Assim, também, Deus dá todo o alimento necessário na Bíblia com o qual se deve nutrir o bebé espiritual, mas é da nossa responsabilidade alimentá-lo. Deus não o fará por nós. Uma Bíblia fechada é como uma despensa fechada. Não serve para nada.

Vigiai

Jesus disse, “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação: na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.” *Mateus 26:41*.

A entrada na vida cristã é o recrutamento no exército do Senhor. Daí em diante, a jornada de cada dia, é uma batalha e uma marcha. Não estamos num piquenique. Estamos em guerra. O nosso inimigo está sempre em campo, procurando os pontos fracos, para que nos possa destruir. “Sede sóbrios, vigiai: porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.” *1 Pedro 5:8*.

Nenhum exército entrou em guerra sem primeiramente colocar vigias para que o inimigo não apareça inesperadamente. Assim o cristão deve estabelecer os seus postos de vigia dia após dia. A Bíblia claramente revela todas as tácticas do maligno, de modo que, podemos saber onde e como vigiá-lo e enfrentá-lo com a Palavra de Deus antes que possa ganhar qualquer vantagem.

A Batalha É do Senhor

É muito importante que nenhuma tentativa seja feita para enfrentarmos nós próprios o inimigo. A grande controvérsia é entre Cristo e Satanás. Não tenteis travar as batalhas que só a Cristo pertencem. Então, quando, o diabo vos assediar, mandai-o para o Salvador e deixai que Ele se ocupe de Satanás. Assim que o façais o diabo fugirá de vós pois ele sabe que Cristo já o derrotou.

Há aqueles, sem dúvida, que podem sorrir perante esta ilustração, mas tenho visto que ela tem sido de muito auxílio para algumas pessoas.

Estais num safari nas selvas da África Central. Chega o dia em que tendes que atravessar uma área particularmente densa e perigosa. Não estais familiarizados com a região nem com as espécies de animais que lá se encontram. Mas há um guia competente e experiente que vos oferece os seus serviços. Este homem tem viajado muitas vezes com sucesso nesta área. Conhece a região e sabe como lidar com os animais selvagens. Vem armado com todas as armas necessárias para as batalhas que se possam vir a travar.

Depois de algum tempo, estais face a face com um grande e terrível gorila que se lança ao ataque assim que vos vê. Agora suponde que enfrentais esse gorila unicamente com o auxílio das vossas mãos. Certamente mostraríeis grande coragem. Mas não vos esquecestes do guia contratado e por isso ao mesmo tempo que vos precipitais contra ele, dizeis ao guia, “depressa, ajuda-me a lutar contra este gorila.”

Mas o que dirá o guia em desesperada ansiedade? Ele gritará, “Saia daí! Não posso usar as minhas armas, a menos que saia do caminho!”

Desse modo, frustraríeis a obra do guia e asseguraríeis a vossa própria derrota. Portanto, da mesma maneira, devemos deixar para Cristo a tarefa que Lhe pertence. Quando o inimigo vier, não tenteis lutar contra ele, “porque do Senhor é a guerra” *1 Samuel 17:47*. “A peleja não é vossa, mas de Deus.” *2 Crónicas 20:15*.

Não somos tão fortes como Satanás, mas Cristo é mais forte do que ele. Não podemos manter uma disputa com o diabo. Somente Deus pode fazer isso. Portanto, lembrai-vos sempre, de resistir a Satanás simplesmente com o poder da Palavra e não com o vosso próprio poder. Quando ele se dirigir a vós, dizei-lhe simples e terminantemente que deve estar enganado. Que a pessoa que costumava responder a essas tentações não mais reside em vós. Que as coisas mudaram e que a nova vida em vós não mais faz essas coisas. Assim que Satanás ouve a voz da fé a declarar estas coisas, foge e a tentação morre resultando em nada.

Conclusão

Aqueles que aplicarem os princípios e seguirem os procedimentos expostos neste estudo, serão libertados do domínio do pecado e iniciados no corpo de Cristo.

Segue-se depois o processo de educação pelo qual a alma é libertada das ideias e teorias erradas aprendidas na escola de Satanás. O fim de uma obra é o início de outra. Uma vez implantada, a boa semente cresce até à maturidade. Dia a dia haverá o firme crescimento se o crente se alimentar diligentemente da Palavra viva.

Satanás procurará activamente desviar de Cristo a alma renascida e infelizmente por vezes pode ser bem-sucedido. Contudo, isto não quebra o casamento com Cristo. O rápido arrependimento, o perdão e a purificação renovarão a comunhão com Deus e, valiosas lições aprendidas tornando a alma mais segura no futuro.

Este estudo não é a última palavra a respeito do plano da salvação. Ele descreve apenas a entrada inicial na família de Cristo. Foram apresentadas algumas linhas de orientação de como manter a experiência, mas a obra de reforma não foi descrita em profundidade em pormenor. Uma obra complementar do mesmo autor, *Renascimento e Reforma*, trata este aspecto mais detalhadamente.

O caminho de Deus para cada um dos Seus filhos é vitória e paz, não derrota e miséria. Que cada um sacuda os grilhões do pecado e viva como Deus deseja que vivamos.